



Mestrado em Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira

Abordagem das Formas de Tratamento nas Aulas de Português Língua Segunda/Língua Estrangeira

Relatório de Estágio

Orientadora: Professora Doutora Rosa Bizarro

Mestranda: Éva Viktória Gyulai

Porto, setembro 2011

Resumo

A importância e a necessidade da competência comunicativa e pragmática no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e, mais concretamente, no ensino-aprendizagem de Português Língua Segunda / Língua Estrangeira (PL2/PLE), é amplamente reconhecida. Para desenvolver tais competências, as quais estão intimamente relacionadas com as questões socioculturais e sociolinguísticas, é absolutamente necessário refletir sobre aspetos socioculturais e pragmáticos, deles fazendo parte as formas de tratamento.

Essas mesmas formas de tratamento alicerçam as relações sociais, incluindo o respeito mútuo e implícito entre os intervenientes numa dada interação comunicativa, que pretendem preservar as imagens dos interlocutores, as suas próprias e as do Outro. Este fenómeno de autorregulação, fundador de equilíbrio social, favorece a criação/manutenção de ambientes comunicativos cooperativos, o que constitui o primeiro passo de uma comunicação bem-sucedida.

Pela sua reconhecida relevância, defendo que é necessário dedicar mais atenção às potencialidades pedagógico-didáticas das formas de tratamento, inserida numa perspetiva comunicativa que considere os aspetos pragmáticos, de acordo com o preconizado pelo *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Desse modo, este estudo pretende contribuir para a reafirmação da importância do ensino da componente pragmática da competência de comunicação e as formas de tratamento, em particular, no processo de educação em PL2/PLE.

O presente trabalho encontra-se organizado em três capítulos. O Capítulo I surge como um enquadramento deste trabalho, apresentando a estrutura do Estágio Pedagógico, assim como do funcionamento dos próprios cursos de PLE da FLUP. O Capítulo II faz o enquadramento teórico das formas de tratamento na língua portuguesa. Finalmente, o Capítulo III dá conta de algumas atividades didáticas levadas a cabo nas turmas de nível A1.2. do Estágio Pedagógico, incluindo a análise dos resultados obtidos.

PALAVRAS-CHAVE: Competência Comunicativa; Formas de Tratamento; PLE/PL2

Abstract

The importance and the necessity of pragmatic and communicative competence in teaching and learning of foreign languages and more specifically in the teaching-learning process of Portuguese as a Second Language / Foreign Language (PSL/PFL), is widely recognized. To develop such skills, which are closely related to the sociolinguistic and sociocultural issues, it is absolutely necessary to reflect on sociocultural and pragmatic aspects, making them part of the system of the forms of address.

These forms of address underpin social relations, including mutual respect between the players and implicit in a given communicative interaction, which aims to preserve the images of the interlocutors, their own and the other. This phenomenon of self-regulation, founder of social equilibrium, favors the creation / maintenance of communicative cooperative environments, which is the first step in a successful communication.

Recognized for its importance, I argue that it is necessary to devote more attention to the potential pedagogical-didactic of address form, inserted in a communicative perspective that considers the pragmatic aspects, in accordance with the recommendations by the Common European Framework of Reference for Languages. Thus, this study aims to contribute to the reaffirmation of the importance of teaching the pragmatic component of communication competence and the forms of address, in particular, in the process of education PSL/PFL.

This paper is organized into three chapters. Chapter I appears as a frame of this work, presenting the structure of teaching practice, as well as the functioning of their own courses of PFL in the FLUP. Chapter II is the theoretical framework of the forms of address in the Portuguese language. Finally, Chapter III gives an account of some educational activities carried out in classes of level A1.2. of teaching internship, including analysis of results.

KEYWORDS: Communicative Competence; Address Forms; PSL/PFL

Agradecimentos

À Professora Doutora Rosa Bizarro, pela sua eficiência e disponibilidade e pela confiança, que permitiram a realização deste trabalho.

À minha mãe e ao meu pai, que fizeram tudo o que estava ao seu alcance para me ajudar a chegar até aqui.

Ao Géza, pelo apoio e a ajuda, e pelo esforço para compreender e aceitar os meus objetivos.

À Blanka e ao Krisztián pela paciência, ao aceitarem a minha ausência, pelo que peço mais uma vez desculpa.

À Professora Doutora Olívia Figueiredo, que me motivou e chamou a minha atenção para o PLE.

À Faculdade de Letras de Universidade do Porto, por me ter fornecido as condições necessárias à concretização deste trabalho.

Muito obrigada!

Índice

Resumo	2
Abstract	3
Agradecimentos	4
Índice	5
Introdução	7
Capítulo I – Estágio Pedagógico	10
1.Apresentação do Estágio	11
2.Local de Estágio – Enquadramento histórico	12
3.Organização da FLUP	13
4. Os cursos de FLUP e o lugar do PLE	13
Capítulo II – Contextualização teórica da abordagem pedagógica das Formas de Tratamento em Português	15
1.O lugar das Formas de Tratamento na Linguística	16
1.1. O Princípio de cortesia	16
1.2. A Cortesia Linguística em Português Europeu	19
1.3. As Formas de Tratamento em Português	21
1.4. Principais estudos das Formas de Tratamento	25
1.4.1. L.F.Lindley Cintra: <i>Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa.</i>	25
1.4.2. Sandi Michael de Oliveira Madeiros: <i>A Modelo f Address From Negotiation: a Sociolinguistic Study of Continental Portuguese</i>	26
1.4.3. Maria Emília Ricardo Marques: <i>Complementação verbal. Estudo sociolinguístico</i>	29

Abordagem das Formas de Tratamento nas Aulas de PLE/PL2

1.4.4. Gunter Hammermüller: *Die Anrede im Portugiesischen. Eine soziolinguistische Untersuchung zu Anderkonventionen und Portugiesischen.* 31

1.4.5. Maria Helena Araújo Carreira: *Modalisation Linguistique en Situation d' Interlocution. Proxémique verbale et modalités en portugais* 32

1.5. Principais Formas de Tratamento em Português Europeu Contemporâneo 36

2.O Ensino das Formas de Tratamento 43

2.1. Importância da Pragmática e das Formas de Tratamento nas aulas de PLE 43

2.2. Abordagem pedagógica das Formas de Tratamento 46

Capítulo III - Proposta de abordagem didática das Formas de Tratamento em Português em turmas de PLE de nível A1.2 49

1.Objetivos do estudo de caso 50

2. Caracterização das turmas 51

3. Primeira Unidade Didática 53

4. Segunda Unidade Didática 56

5. Terceira Unidade Didática 60

Conclusões 64

Referências Bibliográficas 67

Anexos 70

Introdução

Hoje em dia estamos a viver num século em que as palavras “desenvolvimento” e “globalização” são utilizadas dia a dia em todo o Mundo. A globalização é o conceito mais frequentemente citado para caracterizar a atualidade. Como Giddens referiu, “O mundo tornou-se, em importantes aspetos, um único sistema social, marcado por laços crescentes de interdependência que afetam virtualmente toda a gente.”¹

A globalização não só afeta todos os campos da vida social, política, tecnológica e cultural, mas também altera a nossa maneira de viver. Esta nova ordem e as suas consequências transformaram as nossas vidas e implicaram novas realidades. Uma das mudanças mais radicais aconteceu na comunicação. A necessidade de interação frequente entre povos e comunidades linguísticas chamou a atenção para a importância do ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras. Neste âmbito, também trouxe mudanças, levando a uma alteração do conceito do ensino tradicional e a um reforço do papel da comunicação. Chega-se à conclusão de que hoje em dia não é suficiente conhecer uma nova língua como um sistema linguístico, mas é necessário abordá-la como uma ferramenta da comunicação. Assim, a Pragmática e as Competências Comunicativas ganharam terreno, situando-se no centro do ensino-aprendizagem da língua estrangeira / língua segunda (PLE/PL2).

A importância da Competência Comunicativa ficou reconhecida entre os linguistas teóricos. O próprio *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECL) dá muita importância à aquisição das mesmas competências comunicativas numa língua estrangeira. Segundo o QECL:

“A comunicação envolve todo o ser humano. As capacidades abaixo isoladas e classificadas interagem de forma complexa com o desenvolvimento da personalidade singular de cada ser humano. Como agentes sociais, todos os indivíduos estabelecem relações com um vasto conjunto de grupos sociais que se sobrepõem e que, em conjunto, definem a sua identidade. Numa abordagem intercultural, é objetivo central da educação em língua promover o desenvolvimento desejável da personalidade aprendente no seu todo, bem como a sua identidade, em resposta à experiência enriquecedora da diferença na língua e na cultura.”²

¹ GIDDENS, 1989:132

² CONSELHO DA EUROPA, 2001:19

O facto de a competência comunicativa estar intimamente relacionada com questões socioculturais e sociolinguísticas, pode em parte justificar a sua complexidade e a dificuldade na abordagem didática das mesmas.

Este trabalho nasceu da necessidade observada de chamar a atenção para a importância dos aspetos pragmáticos e sociais para o desenvolvimento da Competência Comunicativa no ensino-aprendizagem de Português como Língua Estrangeira ou Segunda. Por isso decidi fazer um estudo, que assenta na metodologia de investigação-ação, onde os alunos e o próprio processo do ensino-aprendizagem estão no centro, sobre as formas de tratamento.

Escolhi estudar e investigar o papel da cortesia em geral, e nesse âmbito, restringi-me às formas de tratamento, porque considero serem fundamentais nas relações sociais. É através delas que os indivíduos estabelecem contactos e alicerçam relações, e desta feita, são essenciais em qualquer assunto de natureza relacional.

O sistema das formas de tratamento em Português é um fenómeno muito complexo; depende de vários fatores variáveis, como os intervenientes ou o contexto social, entre outros. As formas de tratamento, assim como os marcadores de discurso e a linguagem de delicadeza em geral, são os reguladores das relações interpessoais, não só implicando certa subjetividade, mas também mudanças constantes. Como Gouveia sublinha, “as dimensões da mudança são referentes a uma outra visão do outro, a uma outra visão de nós próprios, em que as relações interpessoais se constroem contextualmente a partir de uma base de maior igualdade em termos estatuto entre os atores sociais.”³

Não sendo um falante nativo do português, senti particulares dificuldades neste ponto. Este foi um aspeto decisivo na escolha do tema deste trabalho, que se revelou, além do mais, um meio privilegiado de aprofundar o conhecimento do fenómeno das formas de tratamento em Português, o que foi posto em prática nas aulas de PLE/PL2 lecionadas no estágio do presente curso de 2º ciclo.

O estudo divide-se em três capítulos: o Capítulo I é apresentação do Estágio Pedagógico, o Capítulo II contextualiza em termos teóricos a abordagem pedagógica

³ GOUVEIA, 2008:97

das formas de tratamento na língua portuguesa e o Capítulo III apresenta algumas propostas didáticas executadas nas turmas de nível A1.2.

O primeiro capítulo consiste na descrição do estágio pedagógico, numa breve apresentação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), em termos do local e da organização dos cursos e na apresentação dos cursos de Português Língua Estrangeira (PLE) na FLUP.

No segundo capítulo, parto da explicação do fenómeno da cortesia, passo pelo princípio da cortesia e desemboco na explicação de como a cortesia linguística atua na língua portuguesa, e em concreto no português europeu. Tentei descobrir as dinâmicas sociais e culturais que fazem do sistema das formas de tratamento um fenómeno tão complexo, porque só depois de entender o mesmo seria possível fazer uma abordagem pedagógica fundamentada. Apresento ainda alguns estudos de referência sobre as formas de tratamento.

Na segunda parte deste capítulo debruço-me sobre a didática de línguas estrangeiras. Como ponto de partida, realço a importância da competência comunicativa, em geral, e da sua componente pragmática em particular, no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, focalizando de seguida a minha atenção sobre o sistema das formas de tratamento em português europeu.

O último capítulo descreve a minha experiência letivacom duas turmas de nível de iniciação. O objetivo era desenvolver a competência comunicativa dos alunos, utilizando as formas de tratamento adequadas a situações de natureza diversa, tanto na oralidade como na produção escrita. As atividades por mim realizadas foram de diversos tipos, tendo em conta a importância dos diferentes contextos das interações verbais. Os materiais didáticos apresentados foram adaptados ou produzidos, tendo em conta o público-alvo de aprendentes e o contexto de ensino-aprendizagem em que as unidades didáticas decorreram.

CAPÍTULO I

Estágio Pedagógico

1. Apresentação do Estágio Pedagógico

O estágio, que é parte integrante do Mestrado em Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), teve a duração de um ano letivo (2010/2011) e teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) no âmbito de Curso Anual de Português para Estrangeiros no nível iniciação (A1.2) e elementar (A2.1) O primeiro semestre iniciou-se no dia 10 de outubro de 2010 e terminou no dia 9 de fevereiro de 2011, em regime pós-laboral, realizando-se à terça-feira e à quarta-feira das 17h30 até às 19h30, nas salas 211 e 308, respectivamente. O segundo semestre iniciou-se no dia 21 de fevereiro de 2011 e terminou no dia 15 de junho de 2011, também em regime pós-laboral, à segunda-feira e à quarta-feira das 17h30 até às 19h30, nas salas 409 e 209. A minha orientadora foi a Professora Doutora Rosa Bizarro, que era a responsável pelas minhas atividades curriculares e pelo meu estágio pedagógico na FLUP, sendo a pessoa que me orientava em todas as atividades necessárias.

O Curso Anual de Português para Estrangeiros (PLEA) é organizado pelo Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos. Os destinatários deste curso são cidadãos estrangeiros, com idade igual ou superior a 16 anos, para os quais o Português seja Língua Estrangeira. Como já disse, o curso é anual e está dividido em dois semestres independentes de 60 horas letivas cada (2 x 2h por semana). Existe para cada nível um horário de manhã e um pós-laboral. Os estudantes serão distribuídos pelos seguintes níveis:

Iniciação - A1.1 e A1.2

Elementar - A2.1 e A2.2

Nível Limiar - B1.1 e B1.2

Vantagem - B2.1 e B2.2

Autonomia - C1.1 e C1.2

Mestria - C2.1 e C2.2

Os estudantes são colocados através dos resultados de um teste diagnóstico. Os materiais didáticos, como os textos de apoio necessários e as fichas de auto e heteroavaliação, são fornecidos aos estudantes pela FLUP. Os alunos com frequência

universitária ou graduados podem usufruir dos créditos ECTS, conferindo o curso 4 créditos ECTS.⁴

2.Local de Estágio – Enquadramento Histórico

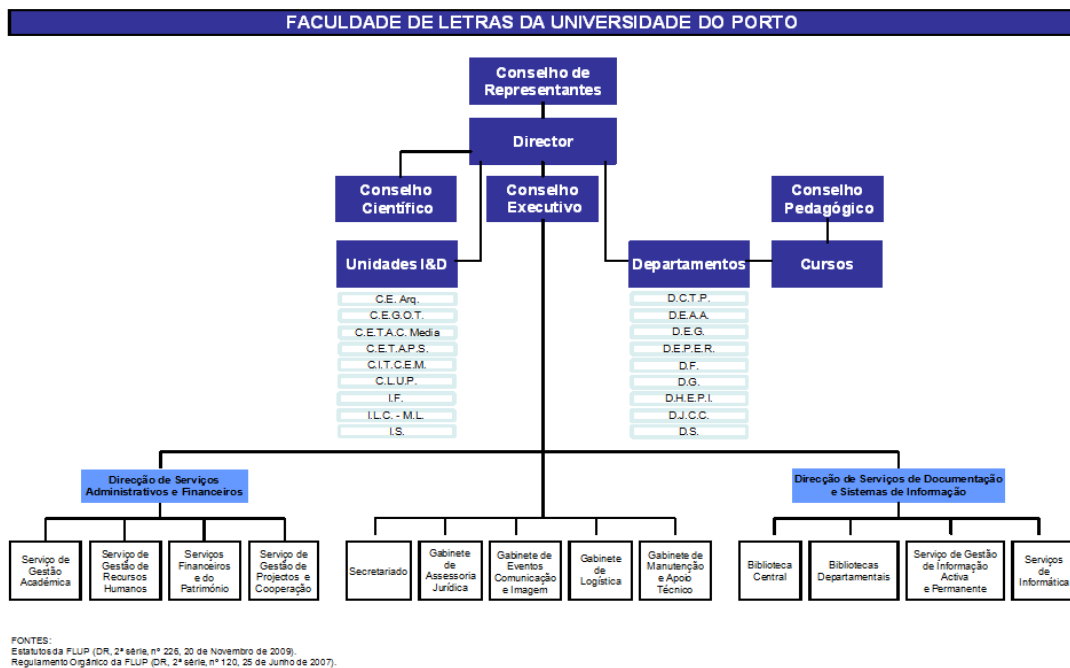
A Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) foi criada por Leonardo Coimbra em 1919 para formar licenciados nos cursos de Filologia Clássica, Filologia, Filologia Germânica, Ciências Históricas e Geográficas e Filosofia até à sua extinção formal de 12 de abril de 1928. Inicialmente funcionou em salas da Faculdade de Ciências, depois mudou-se para a Quinta Amarela na Rua Oliveira Monteiro. A FLUP foi posteriormente restaurada em 1961 e reiniciou a sua atividade no ano letivo de 1962-1963 com duas licenciaturas, História e Filosofia, e com o curso de Ciências Pedagógicas e ocupou as instalações da Rua do Breyner, de onde transferiu o funcionamento de alguns dos seus cursos para a antiga Escola Médica e para a Rua das Taipas. Daí transitou para o Palacete Burmester e para o Seminário do Vilar até à sua instalação na Rua do Campo Alegre, n.º.1055 onde funcionou até dezembro de 1995. Em janeiro de 1996 passou a funcionar na Via Panorâmica. Só depois da Revolução de 1974 foram ensaiadas as primeiras tentativas no sentido de estruturar o sistema de gestão dos estabelecimentos do ensino superior lançando as bases de reforma do ensino superior. Em setembro de 1988 foi estabelecida a autonomia das universidades portuguesas, quando ficou consagrada a competência de cada Faculdade e Instituto, enquanto unidades orgânicas da Universidade do Porto. Entre 1961 e 2003, a FLUP criou vários cursos de licenciatura: Filologia Românica em 1968, Filologia Germânica e Geografia em 1972, Sociologia em 1985 e Estudos Europeus em 1996. Em 1977, as Filologias deram lugar ao curso de Línguas e Literaturas Modernas com múltiplas variantes. Em 1980 foram criadas a licenciatura de História, as variantes de Arqueologia e de História

⁴ APRESENTAÇÃO DA FLUP https://sigarra.up.pt/flup/web_base.gera_pagina?P_pagina=1182 Retirado da sigarra de FLUP em 22/05/2011

da Arte. Mais tarde, em 1982, a FLUP iniciou o ensino pós-graduado. Atualmente tem 13 cursos de licenciatura, 29 cursos de mestrado e 18 cursos de doutoramento.⁵

3. Organização de FLUP

De seguida é apresentada a organização da FLUP em forma de diagrama.



⁶ FIG.I. Organograma da FLUP

4. Os cursos de FLUP e o lugar de PLE

A Faculdade de Letras oferece uma vasta gama de cursos. Existem 13 cursos de licenciatura, 29 cursos de mestrado, incluindo a Mestrado em Português Língua

⁵ HISTORIAL DA FLUP https://sigarra.up.pt/flup/web_base.gera_pagina?p_pagina=1183 Retirado da sigarra de FLUP em 22/05/2011

⁶ ORGANIGRAMA DA FLUP. FONTES: Estatutos da FLUP (DR, 2ª série, nº226, 20 de novembro de 2009) Regulamento Orgânico da FLUP (DR, 2ª série, nº120, 25 de junho de 2007)

Segunda/ Língua Estrangeira e 18 cursos de doutoramento. Em termos de categoria de “Educação Contínua” há Cursos Livres, Cursos de Línguas, Cursos de Formação Contínua, Cursos de Especialização (Unidades Curriculares 2º Ciclo) e o Programa de Estudos Universitários para Seniores. Nos Cursos de Línguas existem cursos de 25 línguas estrangeiras e cursos intensivos de 6 línguas estrangeiras. Os cursos de Português para Estrangeiros concretizam-se no Curso Anual, onde tive a possibilidade de fazer estágio, o Curso de verão e o Curso Intensivo.

No âmbito de programa Erasmus a Faculdade de Letras oferece diversos Cursos de Português para alunos estrangeiros, que vieram por um ou dois semestres estudar na universidade, incluindo Cursos Intensivos (nível Iniciação), normalmente realizados em setembro/outubro e fevereiro/março. Como já disse, existem ainda dois Cursos semestrais, um no 1º semestre (Out. – Fev.) e o outro no 2º semestre (Fev. – Jun.) com vários níveis desde a Iniciação ao nível Avançado. Também há uma série de cursos intensivos - Erasmus Intensive Language Courses (Cursos de Preparação Linguística Erasmus) - organizados por diversas universidades portuguesas, incluindo a Universidade do Porto, normalmente em agosto/setembro e em janeiro/fevereiro. No âmbito destes programas de modalidade do que o ensino de português como língua segunda, língua estrangeira tem um papel significativo.

CAPÍTULO II

Contextualização teórica e abordagem pedagógica das formas de tratamento em Português

1.O princípio da cortesia

Erving Goffman apresentou no seu livro *On Face-Works: An analysis of ritual elements in social interaction* em 1955 um estudo sobre as características das interações sociais dos indivíduos. O autor argumentou que as relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos, tanto nos encontros imediatos como nas comunicações indiretas, devem ser analisadas rigorosamente. “Every person lives in a world of social encounters, involving him either in face- to-face or mediated contact with other participants”⁷

Nestes contactos, o locutor tenta produzir uma imagem positiva no seu interlocutor, de modo a ser aceite por ele. A mais positiva fosse essa imagem, mais os outros a aceitarão. A partir daí que nasceu a sua teoria de “face-work”:

“...the term face may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is as image of self-delineated in terms of approved social attributes – albeit an image that others may share, as when a person makes a good showing for his profession or religion by making a good showing for himself.”⁸

Por isso, o locutor investe, na sua imagem social, para manter esta imagem e não a perder. Através da fala que o locutor apresenta uma imagem pessoal positiva ou negativa aos outros, e que a sociedade avalie o locutor e a sua face, por isso ela é um dos mais importantes fatores. Como dizem Penelope Brown e Stephen Levinson: “We believe that patterns of message construction, or ‘ways of putting things’ or simply language usage, are part of the very stuff that social relationships are made (or, as some would prefer, crucial parts of the expressions of social relations).”⁹

⁷ GOFFMAN 1982: 5

⁸ GOFFMAN 1982: 5

⁹ BROWN & LEVINSON 2006: 55

Goffman refere que os membros de uma sociedade esperam dos outros a capacidade ou a competência linguística de trabalhar a face, a que habitualmente se chamava “tato”, “saber fazer”, “diplomacia” ou “aptidão social” e com isso antecipou a noção de cortesia, delicadeza ou polidez linguísticas.

“The members of every social circle may be expected to have some knowledge of face-work and some experience in its use. In our society, this kind of capacity is sometimes called tact, *savoirfaire*, diplomacy, or social skills. Variation in social skill pertains more to the efficacy of facework than to the frequency of its application, for almost all acts involving others are modified, prescriptively or proscriptively, by considerations of face.”¹⁰

Geoffrey Leech analisou vários princípios conversacionais, enquanto estudou o sentido em relação às situações discursivas, e aproximou-se o conceito tradicional de retórica ao de pragmática. Também distinguiu uma retórica interpessoal, onde incluiu o Princípio de Cooperação, da Cortesia, da Ironia e do Humor, de uma retórica textual.

“I have in mind the effective use of language in its most general sense, applying it primarily to everyday conversation, and only secondarily to more prepared and public uses of language. The point about the term *rhetoric*, in this context, is the focus it places on a goal-oriented speech situation, in which *s* [*speaker*] uses language in order to produce a particular effect in the mind of *h* [*hearer*].”¹¹

Leech também concorda com Goffman, relativamente ao Princípio da Cortesia, da Delicadeza ou da Polidez, quando se refere, que a polidez manifesta-se não só no conteúdo da conversa, mas também na forma como a conversa é gerenciada e estruturada pelos seus participantes.

“...politeness is manifested not only in the *content* of conversation, but also in the way conversation is managed and structured by its participants. For example, conversational behaviour such as speaking at the wrong time (interrupting) or being silent at the wrong time has impolite implications. Consequently we sometimes find it necessary to refer to the speech acts in which we or our interlocutors are engaged, in order to request a reply, to seek permission for speaking, to apologize for speaking, etc.”¹²

¹⁰ GOFFMAN1982: 13

¹¹ LEECH 1983: 15

¹² LEECH 1983: 139

Leech subdividiu o Princípio da Cortesia em seis máximas: o tato, a generosidade, a aprovação, a modéstia, o acordo e a simpatia, mas nem todas estas máximas têm a mesma importância.¹³ O tato, a generosidade, a aprovação, a modéstia formam dois pares, onde as primeiras são mais importantes que as segundas. Assim, segundo Leech, o tato e a aprovação são mais importantes que a generosidade e a modéstia.¹⁴ Mas sendo que são universais, a sua importância pode variar, dependendo da cultura dos interlocutores. Por exemplo, nas culturas mediterrânicas, incluindo a portuguesa, depreciam a modéstia e privilegiam a generosidade.

Brown e Levinson recusam as máximas de Leech na continuação de teoria da face de Goffman. Para eles só existem atos de fala que, prejudicam ou favorecem a imagem (face) dos interlocutores. Por exemplo, os atos de fala diretivos serão sempre atos descorteses, ou como chamá-los, os atos ameaçadores da face (*Face-Threatening Acts*).

“The face is something that is emotionally invested, and that can be lost, maintained, or enhanced, and must be constantly attended to in interaction. In general, people cooperate (and assume each other’s cooperation) in maintaining face in interaction, such cooperation being based on the mutual vulnerability of face.”¹⁵

No contexto da vulnerabilidade mútua de face, qualquer agente racional procurar evitar estes atos ameaçadores da face, ou vai aplicar determinadas estratégias para minimizar esta ameaça. O que significa que a cortesia é um conjunto de estratégias que se propõe preservar a face ou combater os atos ameaçadores da face. As estratégias da cortesia positiva são orientadas para darem uma imagem positiva de locutor, através dessa imagem que ele pode reaver de si próprio.

¹³ LEECH 1983: 131-132

¹⁴ LEECH 1983: 133

¹⁵ BROWN & LEVINSON 2006: 61

2. A Cortesia Linguística em Português Europeu

Em Português europeu existem muitas construções linguísticas motivadas pela cortesia linguística. A cortesia pode estar em todos os usos linguísticos e em todos os atos comunicativos interpessoais (mesmo nos atos diretivos). Ela depende do contexto em que ocorrem, mas também é estabelecida pelas intenções comunicacionais e estratégicas do locutor e pela relação social entre os interlocutores.

As expressões de cumprimento ou de pré-sequências conversacionais são muito recorrentes em Português europeu. Acontecem quando o locutor tenta evitar a divergência do alocutário, uma atitude discordante à sua pessoa ou mesmo a sua antipatia. Como a cortesia funciona primeiramente no discurso conversacional oral espontâneo, todas as estratégias de alternância de vez devem ser tidas em conta a compreensão e ao acordo, particularmente os sinais (ou marcadores) conversacionais.¹⁶

Um outro aspeto a ter em consideração na cortesia são os eufemismos, que, como em qualquer língua, têm por função reduzir a força do conteúdo proposicional de um enunciado. Os diminutivos, para além de outras funções linguísticas e usos interativos que possam desempenhar, também são utilizados na cortesia linguística. Apesar de a delicadeza poder encontrar-se em todos os tempos verbais, existem três especialmente ligados à cortesia linguística: o pretérito imperfeito (do indicativo), o condicional e o imperativo. Os verbos mais recorrentes no contexto da cortesia são os modais “querer” e “poder” no imperfeito do indicativo (*podia* e *queria*), sendo utilizados pelo locutor para exprimir um desejo e / ou um pedido, de uma forma cortês, de modo a que o seu intento seja atendido pelo alocutário (podendo ser empregue, ou não, o adjunto adverbial *por favor* ou a oração adverbial condicional *se faz favor*).¹⁷

¹⁶ GOUVEIA, (1996): 404

¹⁷ GOUVEIA, (1996): 404

O Imperfeito do Indicativo designa um facto ainda não concluído, uma ideia de continuidade, de duração do processo, sendo importante na expressão de cortesia, timidez, amabilidade. Tem o valor do “presente do indicativo, como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido” (Cunha e Cintra 1984: 451) e designa-se imperfeito de cortesia.

Por exemplo: *Podia informar-nos onde fica a Rua Direita?*

No entanto, em Português europeu é ainda possível transmitir a cortesia com outros verbos modais, como “desejar” e “dever”, e ainda verbos variados como “gostar”, “trazer” e “vir”. O Condicional traduz cortesia, delicadeza na formulação de desejos ou pedidos e, até mesmo, de ordens, diminuindo a sua força ilocutória.

Por exemplo: *Gostaria de me encontrar consigo.*

O Imperativo pode traduzir uma ordem, um aconselhamento ou pedido, quando acompanhado por formas derivadas da locução adverbial com função de adjunto “por favor” ou da oração adverbial condicional “se faz favor”

Por exemplo: *Faz-me um favor e retira-te imediatamente da sala.*

Por isso, independentemente do tempo verbal e do ato de fala utilizados pelo locutor, a cortesia fica submetida ao contexto e à relação social entre os interlocutores.¹⁸

O sistema das formas de tratamento em Português europeu por ser um tema suficientemente complexo, merece uma análise complexa e um tratamento específico

¹⁸ GOFFMAN1982: 32

3. As Formas de Tratamento em Português

O sistema das formas de tratamento em português é um dos temas mais abordados, no ponto de vista morfossintático, ou semântico-pragmático ou sociolinguístico, por estudiosos nacionais e estrangeiros.

Ao ensinar dos estudantes estrangeiros a língua portuguesa, as formas de tratamento são referidas como um item muito complexo, e por isso merece a uma particular atenção. Isabel Margarida Duarte sublinha: “ As formas de tratamento são, em português, um item de reconhecida dificuldade, não só no que concerne à sua tradução para outras línguas, mas também no que diz respeito ao ensino da língua, quer enquanto língua estrangeira quer enquanto língua materna.”¹⁹ Carreira refere que as maiorias dos estudos sobre esta problemática foram feitas por linguistas cuja língua materna não é o português.

“Il résulte de cet ensemble de possibilités, un nombre élevé de formes d'adresse qui laissent perplexes les étrangers à la langue portugaise, mais qui soulèvent aussi des difficultés à ceux qui connaissent bien le portugais, y compris les locuteurs natifs. Il est significatif que les études développées sur le "*tratamento*" du portugais proviennent en grande partie de linguistes dont la langue maternelle n'est pas le portugais ou alors de linguistes ayant été sensibilisés à ce problème par le biais de l'étrangeté que les formes d'adresse provoquent chez les étrangers qui apprennent le portugais. Mentionnons à titre d'exemple les thèses de doctorat sur les formes d'adresse du portugais européen soutenues par des locuteurs non natifs du portugais, Sandi Michele de Oliveira aux Etats-Unis et Gunther Hammermüller en Allemagne.”²⁰

As formas do tratamento, os marcadores de discurso e a linguagem de delicadeza em geral constituem uma âncora fundamental para o estudo dos meios de comunicação de linguagem e das funções do discurso, dos movimentos de contacto, de

¹⁹ DUARTE 2010:133

²⁰ CARREIRA 2004:5

aproximação e de distância; eles são os reguladores da relação interpessoal. Isto também pode ser dito para outras línguas, mas a português europeu oferece um campo particularmente rico de estudos nesta área.

O locutor tem de ter em conta quando se dirige ao alocutário o conjunto dos papéis sociocomunicativos, como as diferenças sociais, de idade, a proximidade ou a distância da relação, a formalidade ou informalidade da situação discursiva. Através das formas de tratamento valoriza-se positiva ou negativamente o alocutário, sendo que elas regulam as relações intersubjetivas e permitem perceber a subjetividade enunciativa.²¹

As formas de tratamento podem ser corteses e descorteses, mesmo que a maioria dos estudos não analisa os últimos. As formas de tratamento corteses são meios linguísticos de que os interlocutores estabelecem uma plataforma de relacionamento interpessoal que assegura o bom andamento dum interação verbal, são todos aqueles que se inscrevem e contribuem para que os interlocutores estabelecem e desenvolvem relações interpessoais de harmonia e equilíbrio ao longo dum interação verbal e na construção dessa mesma interação verbal. São *relacionemas*, podem ser *proxémicos* ou *taxémicos* – por isso os tratamentos portugueses podem ser categorizados como tratamentos corteses e descorteses. A primeira função dos tratamentos corteses é de natureza relacional. Através deles os interactantes estabelecem contactos, atribuem, reconhecem ou negociam lugares no respeito mútua pelas faces positivas e/ou negativas de cada um, conforme os contextos em que se encontram.²²

As formas de tratamento descorteses são diferentes neste aspeto, sendo que uma vez dado o primeiro passo para o campo de descortesia, a interação verbal poderá terminar imediatamente ou ser tensa e curta.

Tudo depende da competência de cortesia ou a descortesia, que cada interactante possui e da sua performance em relação a si próprio e aos outros. A utilização das formas de tratamento constitui um dos processos mais eficazes por um lado, como via de

²¹ DUARTE 2010:135

²² RODRIGUES 2003:287

convencimento, e por outro, como meio de agressão verbal, com os mesmos objetivos retóricos ou não.²³

As categorias das formas de tratamentos podem ser classificadas através dos critérios morfossintáticos ou dos semânticos-pragmáticos. Existem subclasses e híper-classes.

Segundo Rodrigues (2003), podem ser:

Em termos de morfossintaxe: pronominais ou pronominalizados ou nominais ou verbais

Em termos de sintaxe: sujeito ou vocativo ou objeto

Ao nível da referência enunciativa: alocutivos (o locutor refere-se e situa-se a si próprio), delocutivos (terceiros presentes), elocutivos (terceiros ausentes)

Ao nível de semântica lexical (classes nominais):

- 1.nome próprio (António)
- 2.nome parentesco (pai)
- 3.nome de afeto (querido)
- 4.nome de profissão (professor)
- 5.título académico (doutor), político (ministro), civil (presidente), militar (coronel), religioso (padre)
- 6.título nobiliárquico (príncipe)
- 7.títulos honoríficos (Vossa Santidade)
8. Senhor /a, dona
- 9.nomes de relação especial (camarada, vizinha etc.)
- 10.insultos (burro)

²³ RODRIGUES 2003:282

Os tratamentos podem vir acompanhados ou não de determinantes (definidos e/ou possessivos), e de adjetivos. O determinante utilizado poderá aumentar ou reduzir a expressão de cortesia das formas de tratamento usada.²⁴

A nível semântico-pragmático também são classificadas como intimidade, familiaridade, solidariedade, proximidade, afetividade, informalidade por um lado, e de distância, hierarquia, formalidade, respeito, poder no outro. Ao mesmo tempo determinadas formas de tratamento são classificadas como sendo de cortesia ou de deferência (consideração).²⁵

As formas de tratamento expressam diferentes níveis de cortesia. Há formas de tratamentos portugueses atuais que, por um lado expressam reduzida cortesia ou o seu grau zero, e de mais elevada cortesia por outro, e são realizadas por tratamentos pronominais.

O atual sistema de tratamentos em Português europeu tem três paradigmas, *voseado* (vós), *tuteamento* (tu), *voceamento* (você). Mas não quer dizer que se utilize sempre as formas pronominais (tu, vós e você). Mesmo não as utilizando, através no discurso podemos vê-las. Ao contrário do que geralmente acontece nas outras línguas, onde só há *tuteamento* e *voceamento* como podem ver na proposta de Brown & Gilman.(1960). Eles analisaram os tratamentos em várias línguas europeias e confrontaram a “semântica do poder” à “semântica da solidariedade”, uma oposição binária, que situa os tratamentos de *tutoamento* ou de *voceamento*.²⁶

As formas de tratamento desempenham três funções pragmáticas essenciais em relação ao ato de linguagem que acompanham, à mecânica de conversação e ao nível das relações interpessoais.²⁷

O tratamento é uma exigência dos atos de chamamento, sendo utilizado também nos atos de cumprimento e de agradecimento e facultativo nos atos de pedido. As formas de tratamento têm um papel vital em todos os níveis de comunicação humana

²⁴ RODRIGUES 2003:283-284

²⁵ RODRIGUES 2003:283-284

²⁶ BROWN & GILMAN, 1960:255 e 258

²⁷ RODRIGUES 2003:287

e nas suas diferentes práticas discursivas - textuais, em todas as sociedades mais ou menos organizadas, de que constituem um dos reflexos e marcas mais evidentes.²⁸

3.1 Principais estudos das formas de tratamento em Português

3.1.1 L.F.Lindley Cintra: *Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa.*²⁹

A obra, *Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa*, foi escrita em 1972 mas continua ser uma obra de referência nos estudos de tratamentos em Português europeu. É constituída nas três partes: “Origens do sistema de formas de tratamento do português atual; “Tratamento de intimidade tratamento de cortesia nas obras de Gil Vicente” (1965); “Tu e Vós como formas de tratamento de Deus em orações e na poesia em língua portuguesa” (1971). A parte mais diretamente relacionada com este trabalho é a primeira. Aqui o linguista apresenta diacronicamente a evolução dos tratamentos numa perspetiva sociocultural até ao sistema atual complexo.

O autor considera que o sistema português apresenta uma “escala riquíssima” de tratamentos de cortesia graça à “sociedade fortemente hierarquizada” e a um certo gosto na própria hierarquização e na matização estilística³⁰

Cintra observa o “conjunto das formas que se usam atualmente na alocação ou tratamento direto”³¹ e “a linguagem das camadas cultas (ou semicultas) das grandes cidades de Portugal”³², mas não as formas na linguagem popular. Para mostrar as transformações e a evolução das formas de tratamento utiliza apenas documentos históricos e literários escritos. O autor classifica as formas de tratamento numa perspetiva morfossintática e ao nível semântico-pragmático, o que diz respeito às

²⁸ RODRIGUES 2003:289

²⁹ CINTRA, 1986²

³⁰ CINTRA, 1986²:15-16

³¹ CINTRA, 1986²:15-16

³² CINTRA, 1986²:15-16

relações interpessoais de simetria e assimetria, da proximidade e de distanciamento. O autor distingue os tratamentos de intimidade, de igualdade, de superior para inferior, de reverência e de cortesia.³³

O autor nomeou as quatro tendências mais prováveis na evolução do sistema das formas de tratamento a partir dos anos sessenta do século passado. Nomeadamente:

1º Eliminação do tratamento por V.Ex.^a na língua falada, só se utiliza em certas profissões e em certos ambientes, mas mantém-se na língua escrita.

2º Alargamento do emprego de *tu* e da 2º pessoa do singular dos verbos entre jovens, mas também entre pessoas de outra idade e assim o *tuteamento* perderá o carácter de intimidade.

3º Ampliação do emprego de *você*. À medida que o emprego de *tu* se expande a *você*, este passa ser mais utilizado no tratamento afetivo.

4º Manutenção de tratamentos nominais

No ponto de vista de autor, as formas de tratamento corteses podem ser tanto de *tuteamento* como de *voceamento*. O autor não se refere aos tratamentos descorteses.

3.1.2 Sandi Michael de Oliveira Medeiros: *A Model of Address From Negotiation: a Sociolinguistic Study of Continental Portuguese* (dissertação de doutoramento no Universidade do Texas em 1985)³⁴

O estudo é uma análise às formas de tratamento utilizadas pelas pessoas que vivem em Évora. A autora analisou a complexidade e a riqueza do sistema das formas de tratamento em português, considerando também os fatores sociais e individuais e os valores semânticos nas suas interpretações. Também destacou a importância de autoconceito e da imagem positiva. Concluiu que:

³³ CINTRA, 1986²:11

³⁴ MEDEIROS, 1985

Abordagem das Formas de Tratamento nas Aulas de PLE/PL2

“The results indicate that address form relationships are negotiated by speakers; in such relationships, conventionalized considerations by markedness and appropriateness are superseded by negotiation process. The manipulability of address form system makes negotiation possible. Negotiation, in turn, leads to variation in the semantic interpretation and use of the forms.”³⁵

Embora o estudo se tenha baseado numa comunidade (habitantes em Évora), a autora considera que a conclusão que retirou também é aplicável a todo o país. Refere que o sistema das formas de tratamento em Português europeu não é uma “sistema binário” ao contrário das outras línguas europeias (Francês, Castelhana), como Brown & Gilman (1960) consideraram.

“In the case of Portuguese, the Brown and Gilman model is inadequate because it offers only a binary opposition, while rules of Portuguese syntax allow or an unlimited number of nouns to be used as pronouns, referred to in this work as “propronouns”.”³⁶

Além das formas pronominais *tu* e *vós* existe um grande número de substantivos e frases nominais que são usados como pronomes nos tratamentos diretos.

A autora propõe uma nova classificação das formas de tratamento portuguesas, baseando-se mais em questões comunicativas do que gramaticais e substituindo as categorias pronominais, nominais e verbais de Cintra (1972) por “pure pronouns” (*tu, você e vossemecê* e os seus plurais), “propronouns” (nomes e sintagmas nominais) e “Zero form” (formas dos verbos sem sujeito expresso).

A autora sublinha o uso estratégico das formas de tratamento na construção e preservação de uma imagem positiva e do autoconceito de locutor, mas também do alocutor. Reconhece a riqueza e a complexidade das formas de tratamento em português, nomeadamente ao nível das escolhas que cada locutor pode fazer. Também chama a atenção para a importância dos fatores variáveis pessoais, contextuais e sociais na utilização e na interpretação duma forma de tratamento, e do emprego das formas de tratamento como estratégia para perceber a relação interpessoal e os efeitos discursivos. Acredita na importância do bom conhecimento do sistema e do uso das formas de

³⁵ MEDEIROS, 1985, vi-vii., 247-252

³⁶ MEDEIROS, 1985

tratamento, especialmente quando estamos a falar de aprendizagem do Português como língua estrangeira/língua segunda, sendo que a escolha duma forma de tratamento também é estratégica.

A autora termina a sua tese com sugestões destinadas a professores da língua estrangeira porque a sua experiência revela, que o uso das formas de tratamento é discutido, geralmente, de modo superficial, às vezes como uma observação cultural, e muito pouco praticado.

Por isso sugere aos professores que:

“1) Expose students to the gamut of address forms.”

“2) Simulate real-world strategies.”

“3) Incorporate address forms into all communication”

“4) Aid students in analyzing address form usage in dialogues (oral/written) and prose”

“5) Provide basic tips”.³⁷

Embora que realce a importância do bom conhecimento do sistema no ensino-aprendizagem da língua estrangeira, temos que reconhecer que também é muito importante no ensino da língua materna e não só o conhecimento do sistema, mas também dos valores semânticos-pragmáticos das formas em situações concretas. Como se baseou na descrição da morfossintaxe do Inglês e não do Português, inclui todas as formas de tratamento nominais na categoria do propronomes. A sua análise está focada apenas na dimensão alocutiva e não trata as dimensões elocutivas e delocutivas. Também interpreta o sistema das formas de tratamento no ponto de vista mais psicossociológico do que sociolinguístico, o que implica que ignore os seus valores semântico-pragmáticos. Considera as formas de tratamento verbal fora do sistema de cortesia verbal, mas na realidade as formas de tratamento fazem parte as normas que regulam a interação linguística, por isso fazem parte a cortesia ou descortesia verbal.

³⁷MEDEIROS, 1985:254-256

3.1.3 Maria Emília Ricardo Marques: *Complementação verbal. Estudo sociolinguístico* (dissertação de doutoramento no Universidade Nova de Lisboa em 1988)³⁸

Sociolinguística (1995)³⁹

A obra de Maria Emília Ricardo Marques, intitulada *Complementação verbal. Estudo sociolinguístico* é uma análise das formas de tratamento em português nos aspetos sócio-semânticos e morfossintáticos, dando conta aos fatores sociais e das características individuais. Realça os mecanismos semânticos-pragmáticos e morfossintáticos exigidos pela utilização de determinadas formas de cortesia, incluindo as formas de tratamento.

“...a situação. A interação e as regras sociais, tanto quanto as restrições linguísticas, determinam escolhas entre modos de ação e estratégias discursivas culturalmente aceites, embora sempre de acordo com determinada intenção de comunicação, por parte do sujeito enunciador.”⁴⁰(Id:134)

Segundo a autora, o estudo das formas de tratamentos é um campo sociolinguístico privilegiado para “correlacionar escolhas verbais e fatores sociais e culturais”.⁴¹ Tal estudo ajuda a definir como os interlocutores agem dentro de um determinado sistema social, a identificar e descrever estruturas sociolinguísticas, a verificar que as comunidades apresentam diferenças nos tratamentos. Os tratamentos não só podem delinear uma estrutura social, como indicar mudanças e ruturas sociais. A autora analisou os discursos dos deputados na Assembleia Nacional nos anos 1972-1976. Para ela, a escolha da forma de tratamento “quase permite prever a ocorrência de outras expressões ou de outros termos, de outras fórmulas de deferência e de delicadeza.”⁴²

Os processos de cortesia e descortesia e também o emprego duma forma de tratamento refletem-se na prática (discursivo ou textual) nos níveis semântico e pragmático e morfossintático. Para a autora, as formas de tratamento encontram-se no âmbito da

³⁸ MARQUES, 1988

³⁹ MARQUES a, 1995

⁴⁰ MARQUES, 1988:134

⁴¹ MARQUES, 1988:134

⁴² MARQUES, 1988:134

delicadeza e da deferência e têm uma relação próxima com as formas de delicadeza e com as formas honoríficas nos registos, incluindo dos estilos.

“Em suma, não é só a gramática que obedece a regras, mas também o uso da língua em situação...além da competência linguística (conhecimento das regras que regulam compreensão e produção de frases gramaticais), se tenha de aceitar uma outra, a comunicação em situação, que se pode definir, sumariamente, como sendo o conhecimento dos usos verbos adequados àquelas situações de comunicação que podem ocorrer em determinada sociedade-cultura. Trata-se aqui de dominar regras sociais que determinam usos diferenciados da linguagem.”⁴³

Também analisa as formas de tratamento em Português na dimensão de deferência com ajuda de mesmo corpus. Concluía que a língua portuguesa continua “a ter dois pólos orientadores das escolhas designativas de o OUTRO: por um lado é poder/*status*, por outro é solidariedade.”⁴⁴ Considera os fatores sociais, como idade, estatuto social e nível profissional e o princípio genérico, e que “em português, todo o adulto, estranho é tratado com marcas de deferência e que a hierarquia, numa organização, funciona sempre, independentemente da idade.”⁴⁵

Nas conclusões reforça que a sociedade portuguesa e a língua se mantêm estáticos, já que as relações formais de autoridade são praticamente rituais, mas há uma mudança significativa em direção à igualdade. Também confirma um crescimento das formas familiares, como tratamento por tu, você ou nome próprio, o que gera normas mais complexas.

⁴³ MARQUES, 1988:134

⁴⁴ MARQUES, 1988:168

⁴⁵ MARQUES, 1988:168

3.1.4 Gunter Hammermüller: *Die Anrede im Portugiesischen. Eine soziolinguistische Untersuchung zu Anderkonventionen und Portugiesischen.*⁴⁶ (L'adresse en portugais. Une recherche sociolinguistique des conventions et des formes d'adresse du portugais européen contemporain.- tradução de Carreira) Dissertação de doutoramento, uma análise sobre a complexidade de sistema das formas de tratamento em Português, na Universidade de Kiel em 1993.

O estudo centra-se no tratamento em geral (como uma problema linguística, sociolinguística, antropologia e história de estudo), no próprio tratamento em Português. O núcleo deste trabalho apresenta o estudo empírico das convenções sociolinguísticas do tratamento na língua portuguesa contemporânea com um a abordagem particular do forma *você*.

Segundo este autor, o tratamento está especialmente relacionado com o temperamento convencional das relações interpessoais, com os papéis e os estatutos sociais e com o distanciamento comunicativo e social. As formas de tratamento são utilizadas no contexto linguístico como formas de cortesia, da saudação e de apelo tanto diretas ou indiretas (alocutivas e delocutivas) e os seus valores também são questionados através deste contexto. Designa o *tratamento de evitação*, que é a utilização da 3ª pessoa nas formas verbais para evitar a escolha das formas pronominais ou nominais, para não se referir o estatuto dos interlocutores.

As suas perspetivas de investigação no campo das formas de tratamento foram:

- a) O tratamento é um meio que situa na parcialidade da interação
- b) A escolha adequada corresponde ao tratamento não-registo e este nível permite a construção de esquemas da polidez
- c) As convenções dos tratamentos e o seu uso podem ser analisados na interação

⁴⁶ HAMMERMÜLLER, 1993 (O tratamento em Português. Investigação sociolinguística das convenções e das formas de tratamento no Português europeu contemporâneo. Tradução minha)

d)A consequência disto, que as formas de tratamento podem ser ensinados/aprendidos nos meios linguísticos interativos.

Este autor, tanto como Oliveira Medeiros, tentou encontrar a resposta para à mesma pergunta: Que forma de tratamento escolher? A sociolinguista só disponho esta escolha no ponto de vista de locutor, Hammermüller investigou a parte de interlocutor também.

3.1.5 Maria Helena Araújo Carreira: *Modalisation Linguistique en Situation d'Interlocution. Proxémique verbale et modalités en portugais* ⁴⁷

Dissertação de doutoramento na Universidade de Paris IV. Sorbonne em 1995.

Carreira é uma especialista em Linguística e um dos nomes mais importantes no estudo das formas de tratamento, tendo elaborado vários trabalhos sobre esta problemática. (1997, 2001, 2002, 2004, 2007). Na sua dissertação de doutoramento analisa também as formas de tratamento em Português europeu contemporâneo.

Para ela as formas de tratamento são como meios do regulamento da proximia do verbo que relacionam os locutoras com as interlocutoras, e através das formas de tratamento que as interlocutoras tratam uma das outras, identificam-se e referem-se aos terceiros.

“Il ressort des différentes études que la complexité d'un tel système permet d'exprimer non seulement des hiérarchisations mais aussi des nuances dans la régulation de la proximité ou de la distance. “⁴⁸

As formas de tratamento em qualquer língua são recursos que regulam a distância entre os interlocutores e manifestam-se linguisticamente tanto ao nível do discurso, como ao nível da língua. A autora também considera que, devido a vários fatores, especialmente a hierarquização socioprofissional, as escolhas de formas de tratamento em Português são muitas e muito complexas.

“La complexité du système de l'adresse du portugais contemporain, en particulier celui des formes allocutives, prend ses racines dès la fin du XVe siècle. Les formes nominales d'adresse se sont développées de sorte qu'il en résulte un ensemble de

⁴⁷ CARREIRA, 1995

⁴⁸ CARREIRA, 2004:5

Abordagem das Formas de Tratamento nas Aulas de PLE/PL2

formes d'allocation capables d'exprimer différents types de hiérarchisations (sociales et professionnelles, familiales et d'âge), mais aussi de moduler la proximité ou la distance interlocutive.⁴⁹

A delimitação semântico-pragmática das diferentes formas dos tratamentos junta-se a um conjunto de valores sociais e intersubjetivos, onde os mais relevantes devem ser identificados.

+FAMILIARIDADE	+- FAMILIARIDADE	- FAMILIARIDADE
-DISTÂNCIA	+- DISTÂNCIA	+ DISTÂNCIA

Tu	Você(s)	o/a nome próprio e nome apelido	o/a Sr ^a /D ^a	o/a título	o/a Sr ^a +título	V.Ex ^a /Sr ^a
----	---------	---------------------------------	-------------------------------------	------------	-----------------------------	------------------------------------

-CORTESIA	+- CORTESIA	+CORTESIA
-----------	-------------	-----------

FIG.II- As formas de tratamento e as relações interpessoais. (CARREIRA, 1995, 1997 2001)

Carreira faz uma crítica dos estudos anteriores e apresenta uma nova proposta da delimitação semântico-pragmática das formas de tratamento em Português europeu contemporâneo. Na sua proposta colocou a hierarquização de lugares, por um lado são os valores sociais e profissionais e, por outro, são os valores de familiaridade e de idade, no eixo vertical. Cada locutor escolhe o tratamento adequado, avaliando estes fatores e situar-se-á a si próprio (elocução) a quem dirige (alocução) ou de quem fala (delocução).

No eixo horizontal encontram-se a intimidade, o respeito, a deferência. A forma de tratamento adequado está muito ligado "aux places relatives dans l'échelle hiérarchique, au degré de formalité de la situation de communication."⁵⁰

⁴⁹ CARREIRA, 2004

Tratamento allocutif

	+ FAMILIARITE ← - DISTANCE			± FAMILIARITE ± DISTANCE			- FAMILIARITE + DISTANCE →		
SUJET	tu	você	o/a prénom	o+(prénom)nom o+(prénom)nom + 3 ^{me} personne verbale	o senhor[prénom] / [prénom]nom]; a senhora / Dona + prénom;	o + titre; professora ou autre	o senhor + titre	V. Ex ^o	
A L O C U T I V E	(ô) tu! (ô) pá!	você!	prénom!	(prénom+nom)!	Senhor + prénom / [prénom] nom! Senhora / Dona + prénom! menina [prénom]! menina [prénom]!	a senhora Dona + prénom[nom]; o menino [prénom] a menina [prénom]	a+ titre; o senhora + titre	V. Ex ^o Vossa Senhoria	
COMPLEMENT FORME TONIQUE	ti	você	si o/a prénom [você]	si o/a [prénom +] nom [você]	si / o senhor [prénom] / [prénom] nom si / a senhora [Dona + prénom];	a senhora Dona + prénom [nom]; o menino [prénom] a menina [prénom]	o + titre a + titre o senhor + titre a senhora + titre	V. Ex ^o Vossa Senhoria	
COMPLEMENT FORME ATONE -accusatif -datif	te		o/a se lhe	o/a se lhe	o/a se lhe				
SUJET	voçs	voçs	voçs / o / a prénom / [nom] / o + nom / o / a.....		as senhoras [+ titre] as senhoras [+ titre] N. B. Il est possible d'additionner les formes au singulier (voir ci-dessus)			Vossas Ex ^{as} Vossas Senhorias	
A L O C U T I V E	voçs!	voçs!	voçs! prénom [prénom +] nom (+ verbe 3ème p. pl.)		vós / as senhoras etc. (voir ci-dessus)			V. Ex ^{as} Vossas Senhorias! Vossas Ex ^{as} Vossas Senhorias	
COMPLEMENT TONIQUE	voçs	voçs	voçs / vós / o / a + prénom [nom] / o + nom / o / a		as senhoras vos / os / as se vos / lhes				
COMPL. ATONE	vos / os / as vos / lhes	vos / os / as vos / lhes	vos / os / as se vos / lhes		vos / os / as se vos / lhes				

Tableau - *Tratamento allocutif et degré de «familiarité» vs «distance» (singularisation et pluralisation)*

FIG.III o *Tratamento alocutivo e grau de "familiaridade" vs. "distância"*(singular e plural). (Carreira, 1995, 1997, 2001)

Em termos dos tratamentos nominais alocutivos, a autora considera que em Português elas são sempre acompanhadas do verbo na 3ª pessoa e podem estar ausentes, mas através do contexto podem ser qualificadas como alocutivos.

Também existem situações em que os tratamentos delocutivos têm um valor alocutivo. Por exemplo:

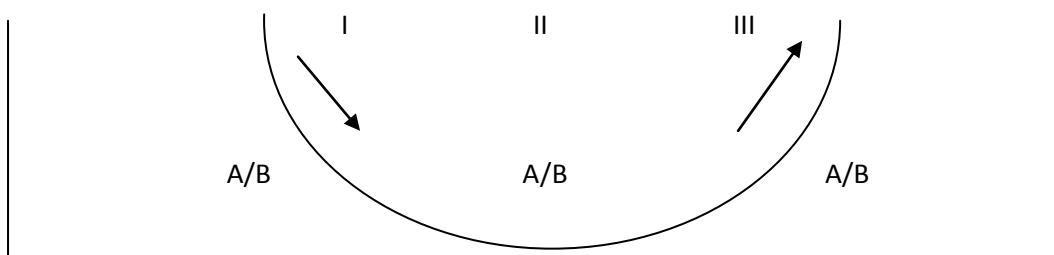
“On voit l'importance des formes d'adresse delocutives ayant la fonction de sujet (suivies du verbe à la 3e personne, mais dont la valeur est allocutive. Ex: *A Senhora professora parte já?*; fr. Madame est-ce que vous partez tout de suite?). Ce trait qui caractérise le portugais européen est aussi celui qui le distingue

⁵⁰ CARREIRA, 2004:99 "...aos lugares relativos na hierarquia, o grau de formalidade da situação da comunicação "

fondamentalement du portugais brésilien (la forme d'adresse est dans ce cas au vocatif: *Senhora professora, parte já?*) «⁵¹

A linguista refere a estratégia de evitação de Hammermüller : “ La solution pour éviter tout choix pronominal ou nominal consiste à employer la forme verbale à la 3e personne. Il s'agit en quelque sorte du degré zéro de la déférence... ” Ela considera como « une solution de recours quand, par exemple, le locuteur ne sait pas exactement quelle forme d'adresse choisir »⁵²

Um dos pontos mais originais deste estudo é quando a autora analisa as escolhas de formas de tratamento relacionadas com as *representações esquemáticas do espaço interlocutivo*. Com base nestes esquemas também elaborou um quadro sobre as posições simétricas e assimétricas dos interlocutores na utilização das formas de tratamento em Português europeu contemporâneo onde o espaço interlocutivo pode ser de aproximação, de afastamento ou de contacto.



A e B interlocutores I-Aproximação II-Contacto III-Afastamento

FIG.IV - Posições simétricas no espaço interlocutivo de A e B (CARREIRA, 1995:116)

A linguista chamou a atenção para várias assimetrias genéricas nas formas de tratamento em Português europeu de atualidade. Destaquei duas delas, relativas à qualificação profissional nas formas de tratamento. Segundo Carreira:

”L'importance des titres professionnels dans les formes d'adresse du portugais, que ce soit pour les hommes ou pour les femmes est à souligner, bien qu'il y ait une certaine asymétrie de ces usages -tout particulièrement en allocution- selon les sexes

⁵¹ CARREIRA, 2004:7

⁵² CARREIRA, 2004:7

(l'usage du prénom après le titre professionnel pour les femmes, ex. *Senhora Dra Catarina*, exceptionnellement suivi du nom, *Senhora Dra Catarina Paiva* alors que pour les hommes c'est l'usage du nom qui prédomine, ex. *Senhor Dr Paiva*).⁵³

Outra assimetria manifesta-se na não utilização do título profissional quando se trata de um homem ou uma mulher de uma forma respeitosa com o senhor / senhora. (Por exemplo: Sr. Diretor vs. Diretora)

3.2 Principais formas de tratamento em Português europeu contemporâneo

Desde sempre os membros duma sociedade minimamente civilizada dirigiram-se uns aos outros. Os diferentes níveis de poder (político, económico, religioso, social etc.) conferiam aos seus possuidores diferentes estatutos, diferentes formas de tratamento foram oficializadas no longo de tempo, as quais devem ser respeitadas. Isto também significava que uma sociedade elevadamente hierarquizada vai ter um sistema de formas de tratamento também hierarquizado. Como os tratamentos fazem parte de um sistema linguístico e sociocultural, as transformações sofridas na sociedade vão manifestar-se no sistema das formas de tratamento e vice-versa. As transformações confirmadas no sistema eram reflexo das transformações reais ou as transformações pretendidas pela sociedade. Estas alterações linguísticas ao longo dos tempos deram-se a nível morfológico, morfossintático, semântico e pragmático e conduziram à formação das novas formas e, por vezes à passagem para outra categoria social. Algumas das formas de tratamento desapareceram ou as suas utilizações reduziram-se e limitaram-se a certas camadas sociais ou regiões, como é o caso de *vós*, *vossa senhoria* e *vossa excelência*. Outras recuperaram usos, ou ocorrem com maior frequência, como é o caso de *você* e de *senhor*.⁵⁴

⁵³ CARREIRA, 2004:7

⁵⁴ RODRIGUES, 2003:341-342

3.2.1 Tu

Tu é a forma de tratamento de proximidade/intimidade, embora na Idade Média fosse o tratamento dirigido ao rei. *Tu* sempre foi uma forma de tratamento usual entre “iguais” e ainda hoje o tratamento na segunda pessoa do singular reserva-se para relações de intimidade espontânea. Não é aceitável em situações comunicativas formais ou cujos interlocutores não tenham uma relação próxima, embora hoje em dia se empregue não só entre próximos, mas também entre desconhecidos e entre filhos e pais. Assim o *tuteamento* tende, segundo Cunha e Cintra, “a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.”⁵⁵

Utilizando a segunda pessoa do singular, há inúmeras e variadíssimas formas de tratamento, de acordo com a situação e o tipo de relação. Muitas vezes proferimos apenas o nome próprio ou o diminutivo deste ou a “alcunha”.

Para se tratar familiares usamos o tratamento pelo grau de parentesco: filho, filhinho, filhote, mãe, pai, etc. Tradicionalmente, pai, mãe, tia, tio, avô, avó eram acompanhados da terceira pessoa e filho, filha acompanhados da segunda. Atualmente não há diferença no tratamento dos familiares mais velhos, tendo a ver apenas com a educação por que optamos: “Mãe, leva-me à escola.”, “Mãe, leve-me à escola.”... Curioso é tratar-se por tia/tio pessoas que não são da família, mas são muito próximas.

3.2.2 Vós

No início *vós* foi entendido como o plural de *tu* e depois foi a forma de cortesia dirigida ao rei antes de ser tratado por *vossa mercê*. Cunha e Cintra pensaram que, graças à expansão do emprego de *vossa mercê*, *vossa senhoria* e *vossa excelência*, a uso de *vós* como pronome da 2ª pessoa de singular diminuiu.

⁵⁵ CUNHA & CINTRA, 1984:293.

“ *Vós* e a 2ª pessoa de plural dos verbos acabaram ser uma maneira demasiadamente rude, rasteira, baixa, de se dirigir até mesmo a um amigo com quem não existia a intimidade que permitisse o emprego de *tu*. Por outro lado, para o lugar que o *vós* deixou vago no sistema apresentou-se a partir de certo momento, como candidato possível, o *você*, descaído do seu valor inicial, mas não tanto que não pudesse assumir gradualmente estas funções.”⁵⁶

Os dois linguistas também registaram o desaparecimento de *vós* da linguagem corrente do Brasil e Portugal. Mas “ em discursos enfáticos alguns oradores ainda se servem da 2ª pessoa do plural para se dirigirem cerimoniosamente a um auditório qualificado.”⁵⁷

A segunda pessoa plural, *vós*, é hoje quase arcaísmo, embora em certas partes de Portugal, ainda se use no quotidiano. Expressa cortesia reduzida pelo facto de indicar proximidade ou superioridade do locutor para os alocutores e pela sua condição de pronome, sendo que a cortesia tem muito a ver com o respeito pelas diferenças.

Vós foi substituído por *vocês*, forma pronominal usada com a terceira pessoa do plural e atualmente a forma como nos dirigimos a um interlocutor plural. No entanto, isto não é um fenómeno recente. Said Ali, já em 1921 observou o seguinte: “...dirigindo-nos a mais de um indivíduo, servimo-nos hoje de *vocês* como plural semântico de *tu*.”⁵⁸

Como todos sabemos, apesar de semanticamente idêntico a *vós* (ambos são pronomes de segunda pessoa plural) o pronome *vocês* tem um comportamento sintático diferente, uma vez que exige que o verbo com o qual concorda seja usado não na segunda, mas na terceira pessoa do plural.

3.2.3 Você

A forma reduzida de *vossa mercê*, vem do Castelhana e foi o primeiro tratamento nominal dirigido ao rei, depois de “*vós*” e antes de “*vossa alteza*”. Depois foi utilizada para os duques, infantes e burgueses. No século XVI era bastante vulgar entre pessoas menos importantes na hierarquia e no século XVIII já dirigido a gente de estatuto social menos elevado, mas ainda com algum prestígio. Nos séculos seguintes a

⁵⁶ CINTRA, 1986²:30-31.

⁵⁷ CUNHA & CINTRA, 1984:287.

⁵⁸ ALI, M.S., 1971⁷: 94.

vossa mercê chegou a ser considerado tratamento insultuoso. Nos finais do século XIX, *você* passou a ser tratamento pronominal, utilizado entre iguais. Nos anos trinta de século XX, o tratamento *você* já está na moda.

Para Cunha e Cintra o uso atual de *você* em Portugal:

“É este último valor de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que você possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente - e em certas camadas sociais altas- aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar você de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.”⁵⁹

Embora que todos nós já tenhamos sido testemunhas de situações nas quais “inferiores” tratam “superiores” por *você*, isto incomoda as pessoas com uma certa educação e com mais idade. Carreira avisa que a extensão do uso de *você* em Portugal, especialmente entre os jovens e em estratos sociais mais baixos ou médio, muitas vezes resulta em tensões ou explosivos entre os ouvintes da meia-idade ou com ouvintes de estrato social mais elevado.

“...l'extension de l'emploi de *você*, qui semble irréversible, d'autant plus que les feuillets brésiliens, dans lesquels l'emploi de *você* est fréquent, exercent une influence quotidienne sur la langue portugaise européenne, pose problème pour le moment au Portugal. La tendance à la simplification attestée par l'extension de l'emploi de *dona* et de *você* atténue les hiérarchisations sociales et les nuances d'un système d'adresse complexe.”⁶⁰

Hoje em dia o *você* é uma espécie de chave mestra, que está a mudar aproximando de *tuteamento* para relações de intimidade e *voceamento* para relações de distanciamento, um tratamento corrente, utilizado entre iguais, de superior para inferior e vice-versa e que situa os interlocutores, em termos da cortesia, no nível pouco elevado. Como Carreira relata:

«Une autre tendance remarquable qui rapproche la variante européenne de la variante brésilienne du portugais est l'extension de la forme pronominal *você* (suivi du verbe à la 3^e personne). Cette forme généralisée au Brésil, sans qu'aucune

⁵⁹ CUNHA & CINTRA, 1984:294.

⁶⁰ CARREIRA, 2004: 8

Abordagem das Formas de Tratamento nas Aulas de PLE/PL2

connotation ne lui soit rattachée, est la forme la plus sensible, au Portugal, aux variations diatopiques et diastratiques. «⁶¹

Hammermüller também analisou a polissemia do tratamento *voce* como podemos ver a seguinte.

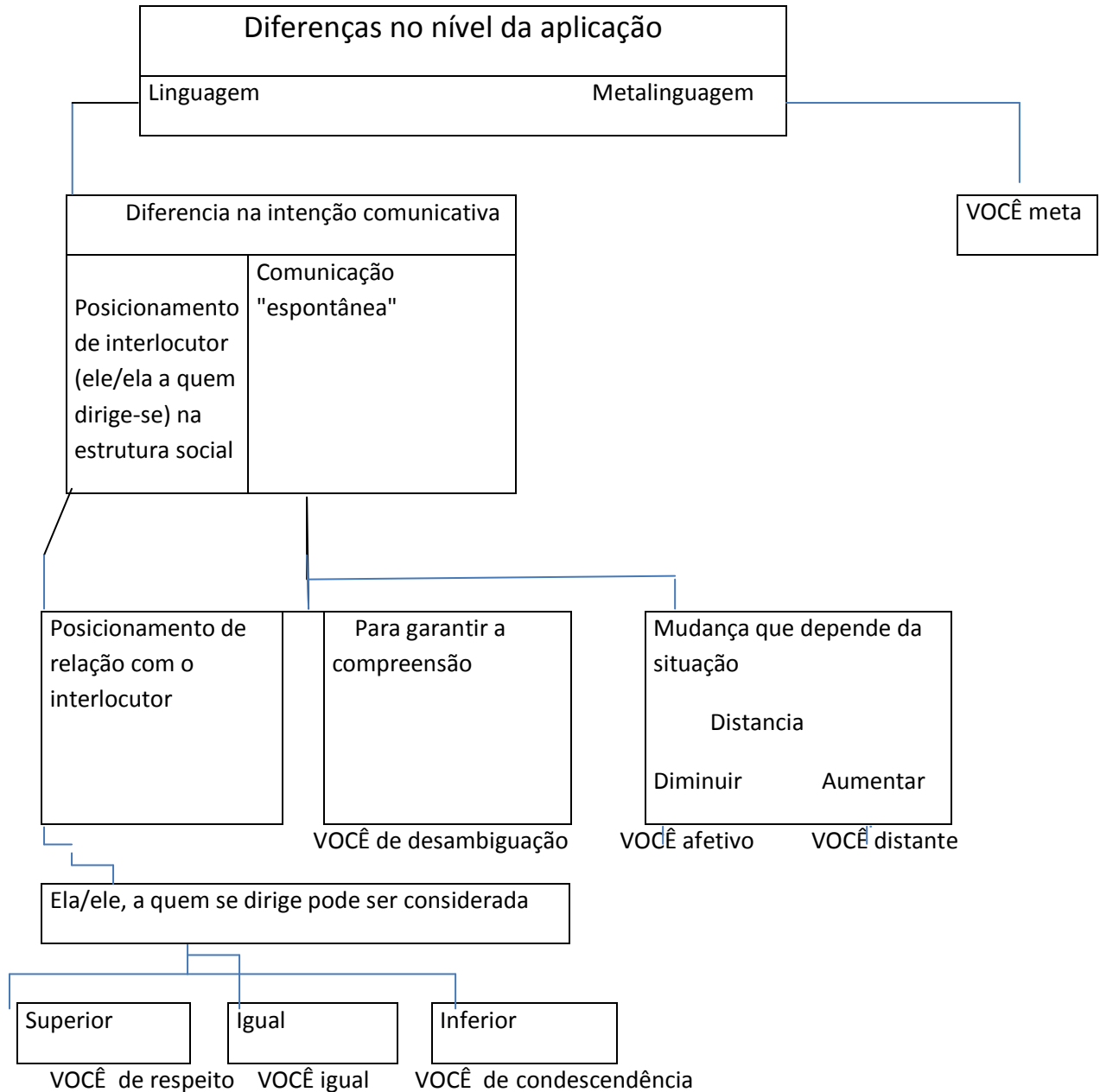


FIG.V – Polissemia da FT *voce*, segundo HAMMER MÜLLER, 1993: 108 (Cit. por CARREIRA, 1995:94-traduzido por mim)

⁶¹ CARREIRA, 2004:8

3.2.4 Senhor/senhora

A forma de tratamento *senhor* tem origem do latim e significa "homem mais velho", mas entrou no Português através do Francês. Já aparece na Idade média, dirigida ao rei e aos membros da família real. Depois, o seu uso vai-se alargando aos poucos. Hoje em dia utiliza-se frequentemente entre conhecidos e desconhecidos e faz par com *você*. O uso de *o senhor/ a senhora* surge quando o locutor se dirige a alguém que não conhece ou conhece mal ou com quem tem uma relação respeitosa (alguém mais velho, hierarquicamente superior etc.). É uma forma ainda hoje considerada ser de cortesia, mais delicada ou respeitosa.⁶²

Segundo Rodrigues, *o/a senhor/ senhora* podem ser seguidos (embora cada vez menos utilizado) de títulos académicos, honoríficos, hierárquicos ou outros: *Senhor Professor, Senhor Doutor, Senhor Padre etc.*

O *senhor* também pode ser acompanhado nomes próprios e/ou nome apelido, nomes de profissão ou título académico, político ou civil, militar ou religioso. Mas *senhora*, se não acompanhado de título académico, honorífico, etc., deverá ser evitada. *Senhora Maria*, sem *Dona*, pelo menos em Portugal, revela menos consideração. Elegante e de bom-tom será o uso *Sra. D. Maria* ou só *D. Maria*. Também não é indiferente usar o nome próprio ou o apelido depois do *Senhor*. Se um desconhecido tratar alguém por o senhor+ nome próprio ou apelido é considerado ser descortês. Tratar alguém assim só é correto socialmente entre conhecidos e próximos, porque se o conhecimento entre os interlocutores não é bilateral é misturar níveis diferentes de relação, o que considera-se descortês. Atualmente o tratamento *senhor/a* utiliza-se cada vez mais.

Outro aspeto merece ser mencionado: é o facto de que *o/a senhor/senhora* ultimamente é considerado uma forma pronominalizada ou mesmo pronominal. Na *Nova Gramática de Lindley Cintra e Celso Cunha* é considerado como pronomes de tratamento, a par de *você* e de *vossa excelência*, definidos como “ certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais”.⁶³ A verdade é que a forma

⁶² RODRIGUES, 2003:352

⁶³ CUNHA & CINTRA, 1984:192 e 474.

o/a senhor/a em termos de função aproxima-se dos valores das formas de tratamentos pronominais. Carreira encontra a explicação para tal num estudo de Hammermüller, onde o estudioso alemão defende que *o senhor* é uma forma nominal com uma função deítica (o senhor) e uma definição (o/um senhor).⁶⁴ Assim tem um duplo valor, de deixis social (aquele a quem se fala) e de anafórico (refere um termo culturalmente reconhecido).

O/a senhor/a muitas vezes antecede o determinante possessivo (*meu (s), minha (s)*) e vocativo (*meu (s) senhor (es)/ minha(s) senhora(s)*). *Minha senhora* no vocativo é muito mais frequente no Português atual que o *meu senhor*, porque as formas de tratamento antecedidas de possessivos expressam cortesia mais elevada e as senhoras são alvos prioritários de manifestações corteses. A expressão “meus senhores” paticamente só é usada no contexto dos ambientes formais, quando as oradores se dirigem ao auditório e dizem: “Minhas senhoras e meus senhores!”⁶⁵

Também há casos de *sim senhor/* ou *não senhor/a*, que são casos do processo cortês de afirmação ou de negação do contacto e se aproximam dos valores de locução interjetiva.⁶⁶

As formas *seu* e *sua* ocorrem em Português europeu contemporâneo, quer como determinante possessivo, quer como forma reduzida de *senhor /a* no nível oral e popular. Mas ambas as formas podem ser tratamentos irónicos positivos (“sua excelência”) ou negativos (“seu estúpido”) ou tratamentos objetivamente insultuosos.⁶⁷

⁶⁴ CARREIRA, 1995:54.

⁶⁵ RODRIGUES, 2003:362

⁶⁶ RODRIGUES, 2003:366

⁶⁷ RODRIGUES, 2003:370

3.2.5 Vossa Senhoria e Vossa Excelência

Apareceram na língua portuguesa nos meados de século XV, como tratamentos dirigidos ao rei. O tratamento de *vossa excelência* é dirigida para pessoas hierarquicamente superiores em relação a *vossa senhoria*. Atualmente os seus usos são muito reduzidos. *Vossa excelência* ainda é utilizada na oralidade em determinadas situações formais e o seu uso é muito comum no nível escrito com a abreviatura *V.Ex^a*. *Vossa senhoria* é muito menos utilizada, mas podemos encontrar na forma de abreviatura *v.sr^{ia}* em documentos escritos. Estas fórmulas são dirigidas a alguém que ocupa um lugar superior em relação ao locutor e ao qual se expressa consideração e respeito.

4. O Ensino das Formas de Tratamento

4.1. Importância da Competência Comunicativa e da componente pragmática nas aulas de (P)LE

O conceito de competência comunicativa juntamente com o conceito do plurilinguismo, são dois dos fundamentos teóricos do *Quadro Europeu Comum de Referencia para as Línguas* (QECRL). Segundo o *Quadro*, a competência comunicativa contém três componentes: a linguística, a sociolinguística e a pragmática. As componentes da competência linguística são a competência lexical, gramatical, semântica, fonológica, ortográfica e ortoépica. Dentro destas competências, no âmbito deste trabalho, importante é a competência semântica, ou seja, a capacidade que o aprendente da língua tem de reconhecer e organizar o significado. A semântica pode ser lexical, gramatical e pragmática. A semântica pragmática foca as relações lógicas, e segundo o *Quadro*, tem prioridade em relação às outras duas, sendo que “muitos

agentes de ensino consideram preferível partir do significado para a forma do que seguir a prática tradicional de organizar a progressão em termos meramente formais”⁶⁸

As competências sociolinguísticas, incluindo os marcadores linguísticos de relações sociais, as regras de polidez, as expressões de sabedoria popular, as diferenças de registo e os dialetos e sotaques também são essenciais, sendo que um estudante não pode prescindir de informações sobre a variação linguística de acordo com as classes sociais, os grupos étnicos, o sexo e faixa etária dos falantes. As formas de tratamento fazem parte dos marcadores linguísticos de relações sociais, junto com as formas de saudação, as convenções e também com as exclamações.

Nesta etapa do estudo é interessante acrescentar que o *Quadro* aconselha na iniciação da aprendizagem duma língua estrangeira a utilização de um registo neutro, nem familiar, nem formal, uma vez que é nesse registo que os falantes nativos costumam dirigir-se aos estrangeiros.

As regras de polidez (delicadeza) também são muito importantes pois, ajudam evitar os desentendimentos. Segundo Koike, distingue-se a polidez positiva da polidez negativa.

“Positive politeness is communicating to the listener that the speaker’s wants are in some ways similar to those of the listener...”: “Negative politeness is consideration of the listener’s wish to be unimpeded in taking action and having attention.”⁶⁹

A categoria de competências sociolinguísticas também inclui o uso adequado das expressões de delicadeza e a falta de educação, ou infrações de regras de delicadeza e todos deles fazem parte de pragmática.

Hoje em dia, com os efeitos de globalização, a comunicação é mundial, por isso, o ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras e dentro disso, a pragmática têm um papel vital. Segundo uma simples definição de Yule:” Pragmatics is the study of the relationships between linguistic forms and users of those forms”⁷⁰

Segundo o *Quadro* a competência pragmática contém as competências discursivas e funcionais do aprendente/utilizador da língua. Dentro da competência discursiva

⁶⁸ CE, 2001:166

⁶⁹ KOIKE, 1992:21.

⁷⁰ YULE, 1996:4

destaca-se o princípio de cooperação, um dos princípios universais, introduzidos por Grice, que guia a interação conversacional e pelo qual o locutor deve preocupar-se em interagir com o alocutário da forma mais completa e explícita possível para que todos os enunciados sejam corretamente interpretados. A competência funcional é a capacidade do falante atender a microfunções (enunciados únicos e curtos) a macrofunções (sequências longas dos frases) e a esquemas interacionais tanto no discurso oral como no escrito.⁷¹

Como vimos, a competência pragmática faz parte da competência comunicativa do ensino-aprendizagem de qualquer falante duma língua, que tanto pode ser materna como língua segunda ou língua estrangeira, e deve ser coordenada com os conhecimentos linguísticos e textuais com quais interagem. As perspectivas pragmáticas e comunicativas têm um peso muito maior a meu ver, no contexto de ensino-aprendizagem duma língua estrangeira, sendo que os fatores sociolinguísticos e pragmáticos orientam as interações comunicativas, e no caso de língua estrangeira, isto só pode acontecer na sala de aula.

Como já mencionei, a competência comunicativa tem componentes sociolinguísticos, gramaticais e discursivos. A pragmática situa-se no componente sociolinguístico e está ligado à produção e interpretação dos atos da fala. Bachman e Palmer chamam à competência comunicativa habilidade de linguagem, a qual é dividida em “conhecimento organizacional”, que é o gramatical e o textual, e o “conhecimento pragmático”, que envolve o funcional e o sociolinguístico.⁷²

Para Wolfson⁷³ a competência pragmática não é ensinada explicitamente à criança em língua materna e os adultos também não têm consciência dela, por isso, não são capazes de descrever as próprias regras da fala. A questão é: até que ponto é possível ensinar atos de fala, ou seja a Pragmática? Se entendermos que o ensino comunicativo não pode ser organizado baseado em listas de funções comunicativas, podemos pensar que os métodos funcionais de ensino de língua estrangeira não distinguem os sentidos diferentes de Pragmática em diversos contextos e situações.

⁷¹ CE, 2001:178

⁷² BACHMAN & PALMER, 1996:67-103

⁷³ WOLFSON, 1989

Segundo Schmidt⁷⁴, o conhecimento pragmático e discursivo não é sempre usado de maneira automática, irrefletidamente. Alguns atos conversacionais são planejados, outros não, existe a espontaneidade e o planejamento. O planejamento acontece quando a de linguagem é adequada, polida e educada (Por exemplo: estudantes que pensam como se dirigir ao professor.)

Segundo estes estudos existem duas abordagens fundamentais para o ensino da competência comunicativa no ensino-aprendizagem da língua estrangeira. A primeira é a abordagem indireta, na qual a competência conversacional é vista como um produto do envolvimento do aluno na interação conversacional. Nessa perspectiva, a habilidade de conversação (incluindo a pragmática) é algo adquirido simplesmente durante o processo de interação. A segunda é a abordagem direta, a qual focaliza explicitamente as estratégias envolvidas na conversação e enfatiza a conscientização relativa a tais estratégias. Nesta segunda abordagem, há lugar para o ensino-aprendizagem de aspetos relacionados com pragmática, como as formas de tratamento.⁷⁵

4.2 Abordagem pedagógica das formas de tratamento

Como vimos, as formas de tratamento fazem parte dos marcadores linguísticos de relações sociais, juntamente com as formas de saudação, as convenções e também com as exclamações, dentro das competências sociolinguísticas, e são inseparáveis das expressões de delicadeza, o que faz parte a cortesia verbal. Também estão estreitamente relacionadas com a Competência Comunicativa, sendo que, tal como a cortesia verbal, apoiam e fazem parte das normas que regulam a interação linguística. Podemos considerar assim que a abordagem pedagógica das formas de tratamento deve fazer parte desde a iniciação do ensino – aprendizagem do (P) LE. Esta abordagem é

⁷⁴ SCHMIDT, 1993:21-42

⁷⁵ CE, 2001

dificultada pelo facto de o sistema de formas de tratamento em Português é ser bastante complicado e complexo, com muitas variedades diatópicas e diastráticas, sobretudo as abordagens das formas mais corteses e o uso de *você*. Essencialmente o emprego de *você* que mostra mais instabilidade, sendo que se relaciona com a mudança das relações sociais entre os falantes. Como diz Isabel Margarida Duarte: “Num contexto global marcado pela mudança e a instabilidade, mais complexas se tornam as tarefas quer de estudar e investigar, quer de ensinar o sistema das formas de tratamento em português.”⁷⁶

Também não ajuda aos professores do PLE o facto de a maioria dos manuais do PLE no nível iniciação praticamente não se trata e não explica implicitamente as diferentes formas de tratamento. Simplesmente dizem que há tratamentos informais como o *tu* e os tratamentos formais de *você* e *o senhor/a senhora*. (Como podemos ver no manual *Sem Fronteiras* por exemplo).

O professor tem que ter em conta que os alunos estrangeiros vão encontrar as formas de tratamento na oralidade, logo na iniciação da sua aprendizagem de qualquer língua estrangeira. Também não podemos ignorar o facto de os alunos estrangeiros primeiro irem descobrir o oral formal e só depois o oral informal, ao contrário do que acontece com a língua materna. Sendo assim, os alunos devem ser ensinados já na iniciação sobre as formas de tratamentos mais frequentes e os seus usos adequados. Depois, com a evolução da sua aprendizagem da língua, os alunos devem ter acessos às informações mais complexas sobre as formas de tratamento juntamente com as formas de delicadeza, no quadro de cortesia verbal. Como já vimos, o sistema das formas de tratamento em português é muito complexo, mesmo que nos tenhamos limitado a refletir só sobre o português europeu, e para os estrangeiros (incluindo eu própria) causa algumas dificuldades. Essencialmente foi este facto o meu ponto de partida para fazer este estudo sobre esta problemática. Curioso também, que uma parte significativa dos estudos feitos sobre o sistema das formas de tratamento em português é feita por linguistas estrangeiros (como Sandi Michael de Oliveira Madeiros ou Gunter Hammermüller por exemplo).

⁷⁶Duarte, 2010: 136

Num ensino-aprendizagem de qualquer língua estrangeira a língua materna do aluno é um fator considerável. No caso de abordagem pedagógica das formas de tratamento, no meu ponto de vista, é muito importante. Um aluno inglês vai ter muito mais dificuldade do que um francês, em princípio.

Tradicionalmente, tanto no português como língua materna ou como língua estrangeira, ensinam as diferenças entre pronomes formais e informais, mas não se explicam do que o uso formal adequado implica o uso de forma nula do pronome sujeito. Isabel Margarida Duarte refere: “A explicitação das formas pronominais associadas a diferentes funções sintáticas e, em particular, a descrição dos contextos em que um sujeito pode ser nulo possibilitam, assim, a formulação de uma regra simples que permitirá a adequação das diferentes formas pronominais a diferentes contextos discursivos.”⁷⁷

Tendo em conta todos estes fatores, acho que é essencial e necessário a abordagem explícita das formas de tratamento no contexto de ensino-aprendizagem de (P)LE. Só assim o aluno consegue desenvolver a sua competência comunicativa e utilizar a língua alvo de forma adequada. Os aspetos relacionados com as formas de tratamento devem ser abordados de forma sistemática e recorrente nos diferentes níveis de ensino da língua. Tendo em conta que os alunos têm muitas vezes dificuldade em adquirir os aspetos pragmáticos e sociolinguísticos, porque não são tão simples e objetivos como as regras gramaticais, o professor deve ajudar nesse processo.

⁷⁷ Duarte, 2010: 137

CAPÍTULO III

Proposta de abordagem
didática das formas de
tratamento em Português em
turmas de PLE de nível A1.2

1. Objetivos do estudo

Como já mencionei, tive a oportunidade fazer o estágio durante do ano letivo 2010/2011 no âmbito de Curso Anual de Português para Estrangeiros no nível iniciação (A1.2) nas turmas da minha orientadora, Prof.^a Doutora Rosa Bizarro. Aproveitei as aulas de regência para realizar certas atividades relacionadas com as formas de tratamento e as expressões de delicadeza, aplicando em prática alguns dos princípios teóricos referidos mostrados no capítulo anterior. Por isso, desenvolvi atividades cujo objetivo original foi demonstrar e sistematizar as diferentes formas de tratamento e ajudar para uma maior consciencialização dos alunos para as questões do seu uso. Tentei abordar diferentes situações tanto na oralidade como na escrita nas aulas dadas, de modo a que os alunos pudessem observar, analisar e experimentar um leque diversificado de formas de tratamento em diferentes contextos conversacionais orais e escritos

Na primeira unidade didática do primeiro semestre, embora o tempo tinha sido limitado, aproveitei a temática do Natal para os alunos ganharem conhecimento das diferenças entre a carta formal e informal, com a atenção primordial para as formas de tratamento utilizadas.

Nas unidades didáticas do segundo semestre, apesar do número reduzido de aulas que lecionei, houve um aproveitamento mais vantajoso, que permitiu a fazer um trabalho contínuo sobre o uso das diversas formas de tratamento. Também pude verificar que os objetivos, não só o conhecimento, mas o uso adequado das formas em diversos contextos, foram alcançados pelos alunos e que no fim das duas unidades didáticas, a maioria dos alunos conseguia utilizar as formas de tratamento corretamente.

2. Caracterização das turmas

A primeira turma, a turma quatro do nível A, no primeiro semestre era constituída por catorze alunos, de cinco países diferentes. Havia uma finlandesa, um polaco, dois romenos, um francês e nove espanhóis, cinco deles catalães. Em termos de idade, os alunos tinham entre vinte e dois e trinta e dois anos. A maioria dos alunos era formada por estudantes universitários, que vieram estudar para o Porto através do programa Erasmus.

O facto de haver nove espanhóis facilitava muito o trabalho do professor, já que logo no início não havia problemas de compreensão. Assim, a turma podia ser considerada homogénea em termos de capacidade linguística, uma vez que a maioria dos alunos exibia o mesmo nível. Obviamente, o resto da turma era muito mais diferenciada, embora tanto os romenos como o francês tinha vantagem na aprendizagem em relação ao aluno polaco e à aluna finlandesa. No domínio gramatical, incluindo o lexical, os alunos espanhóis tinham uma vantagem significativa, por muitas semelhanças com a língua materna, o que permitia que o professor avançasse mais rapidamente no processo de ensino. Evidentemente o resto da turma não era esquecido, e foi sempre tido em conta na preparação das atividades e estratégias desenvolvidas.

Um outro aspeto que foi importante neste grupo foi o cuidado que se teve no sentido de evitar o que os alunos de mesma nacionalidade trabalhassem lado a lado, tentando minimizar a utilização da língua materna na realização das tarefas.

Por questões de tempo, não foi possível realizar um trabalho sistemático sobre as formas de tratamento em Português europeu com essa turma. Mas, mesmo assim, consegui que os alunos compreendessem as diferenças entre as formas de tratamento das suas línguas maternas e do português, e sistematizassem as formas adequadas, tanto na oralidade como na escrita.

A segunda turma, com que tive a oportunidade de trabalhar, era a turma quatro do segundo semestre também do nível A1.2. O grupo era formada por doze alunos, provenientes de dez países, bastante heterogénea em termos dos países de

origem, e no nível de língua portuguesa que conheciam também. Em termos de idade, nesta turma os alunos tinham entre vinte e um e quarenta e seis anos, a maioria era formada por alunos universitários, mas havia três adultos com mais de quarenta anos. No que diz respeito à motivação dos alunos, embora a maioria deles fosse bastante empenhada, existiam alguns exemplos negativos.

Como no segundo semestre havia três aulas programadas para eu lecionar, tive oportunidade de desenvolver um trabalho mais sistematizado sobre as formas de tratamento, juntamente com as expressões de delicadeza e de cortesia. O objetivo era desenvolver uma metodologia assentada na sequência de observação – reflexão – produção – avaliação.

O facto de o número dos alunos ser reduzido em ambas as turmas facilitou bastante o trabalho do professor. Deste modo, pude desenvolver atividades e estratégias mais personalizadas, e pude dar mais tempo e atenção a cada aluno. Os alunos também tiveram oportunidade, várias vezes na mesma aula, para desenvolver conversações/diálogos.

Como as aulas tiveram lugar no país da língua alvo, os alunos podiam encontrar-se não só com a língua, mas as diferentes questões culturais relacionadas com ela fora da sala de aula também. Isso facilita, antes de mais, a aprendizagem de conteúdos pragmáticos e tem muita vantagem no desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Como os alunos têm um contacto permanente com a língua portuguesa e são expostas às várias situações de interação diariamente, podem obter uma série de conhecimentos implícitos.

3. Primeira Unidade Didática

As formas de tratamento mais frequentes e as formas de tratamento e de saudação nas cartas formais e informais

A primeira unidade didática foi dada no primeiro semestre com a turma quatro e teve a duração de duas vezes cento e vinte minutos.

Os objetivos principais, dentro da temática do Natal, foram:

- conhecer as formas de tratamento mais frequentes e eventualmente refletir sobre elas;
- categorizá-las (formas pronominais, nominais e verbais);
- refletir sobre o uso de *tu* e *você*;
- produzir diálogos formais e informais;
- conhecer as formas de tratamento, as fórmulas de saudação e de despedida e algumas expressões de delicadeza nas cartas formais e informais.

Para iniciar a abordagem das formas de tratamento decidi fazer uma reflexão com os alunos sobre as semelhanças e as diferenças entre as formas de tratamento nas suas línguas maternas e na língua portuguesa. Os alunos acharam que o sistema das formas de tratamento em Português é bastante complexo e complicado. Os alunos espanhóis, particularmente, tinham mais dificuldades em entender o sistema a visto que, em castelhano, tal como em inglês, só existe o *tuteamento*.

Através da ficha informativa (cf. anexo 1) os alunos refletiram sobre as principais formas do tratamento, e conheceram as diferentes categorias, nomeadamente as formas pronominais, nominais e verbais. Os aprendentes fizeram o levantamento das formas presentes não conhecidas e fizeram várias perguntas sobre o seu uso adequado. Com a ajuda de diversos exemplos, conseguiram sistematizar as formas mais frequentes, já conhecidas. Esta reflexão também serviu para os alunos considerarem as características do uso das formas de tratamento mais formais, mais corteses e o uso adequado de *você*. Como sabemos, o uso adequado deste elemento é bastante problemático e sensível.

Por nos encontramos parente uma turma ao nível de iniciação não entrámos em pormenores detalhados, mas o uso (e não uso) de *você* foi explicado simplifadamente.

Na continuidade da atividade anterior, os alunos tiveram a oportunidade de colocar em prática os seus conhecimentos sobre as formas de tratamento e as expressões de delicadeza através de uma dramatização. Os alunos formaram pares tendo em conta a sua língua nativa (para evitar que utilizassem a língua materna na preparação). Receberam algumas orientações para criar um diálogo planificado formal com o uso dos tratamentos formais, e um outro diálogo espontâneo, entre duas pessoas iguais e íntimas com o uso de diferentes formas de tratamentos informais. As minhas orientações foram dadas para criar diálogos em diferentes contextos conversacionais, nos quais os alunos deviam utilizar diferentes formas do tratamento em diferentes registos. Ao mesmo tempo, a turma podia observar tanto as situações diferentes como a utilização adequada das formas de tratamento. Observei que os alunos não só foram capazes de cumprir a tarefa, mas ainda conseguiram enriquecer os diálogos com expressões de delicadeza adequadas. Os alunos hispanofalantes tiveram mais dificuldade na utilização das formas verbais da 3ª pessoa nos diálogos formais, como seria de esperar. Estes géneros de atividades, de observação-reflexão-produção, são muito importantes, no meu ponto de vista, já que ajudam no processo da consciencialização, neste caso das formas do tratamento e as expressões corteses, dos alunos.

Penso, que não há melhor forma de desenvolver as competências conversacionais e pragmáticas dos alunos de qualquer língua estrangeira ou língua segunda, do que a utilização das atividades contextualizadas. Como estas atividades retratam situações de interação real, através delas, os alunos podem praticar, para depois podiam lidarem com situações semelhantes fora da sala de aula. A produção é essencial, porque não só permite pôr em prática todos os conhecimentos linguísticos, sociolinguísticos e pragmáticos abrangidos, como dá um *feedback* sobre eles depois de reflexão e de avaliação.

Como a temática dessa unidade didática foi o Natal, aproveitei para acrescentar o conhecimento dos alunos com as formas de tratamento na produção escrita, junto com as fórmulas da saudação e de despedida e algumas expressões de delicadeza nas cartas formais. Com a ajuda de uma carta formal sobre a solidariedade natalícia, os alunos

podiam observar e refletir sobre as formas de tratamento formais e algumas expressões corteses. (cf. anexo 2)

Após a leitura da carta, os alunos analisaram o conteúdo geral do texto e fizeram o levantamento de forma do tratamento formal (“Prezado Matosinhense”) e as expressões corteses (“...venho solicitar-lhe”, “agradeço antecipadamente...”, “desejo-lhe...”) presentes no texto. Em seguida, observaram a estrutura e as diversas formas das diferentes componentes de uma carta, com a ajuda da ficha informativa sobre a carta formal e informal (cf. anexo 3).

Nessa fase, ponderei que seria vantajoso para os alunos sistematizarem as informações novas e com a ajuda das fichas informativas experimentarem escrever um postal informal para um amigo ou amiga e outra carta mais formal para a professora sobre o Natal. Este último, devendo ser mais elaborado, ficou como trabalho de casa e foi corrigido na aula seguinte.

Considero que esta primeira unidade didática correu bem, dentro daquilo que foi previsto, já que consegui alcançar os objetivos. Os alunos conseguiram cumprir as tarefas propostas e penso que ficaram sensibilizados para as diferenças existentes nas formas de tratamento, tanto na oralidade, como na escrita. Também tomaram conhecimento de algumas expressões corteses, já que estas andam de mãos dadas com as formas de tratamento mais formais. Como vimos anteriormente, a complexidade do sistema de formas do tratamento em Português dificulta o seu ensino-aprendizagem, por isso, os aprendentes só podem adquirir esta competência e as competências comunicativas em geral com uma sistematização de forma contínua, através da metodologia de observação, análise e produção. Depois desta primeira parte, para mim ficou bem claro que esta sistematização tem que ser consciente já neste nível de iniciação do ensino- aprendizagem.

4.Segunda Unidade Didática

As formas de tratamento e as expressões de delicadeza

A segunda unidade didática teve lugar no segundo semestre e teve a duração de quatro horas, ou seja, duas aulas. Os objetivos principais, dentro da temática de viagem, foram:

- refletir sobre as formas de tratamento e as expressões de delicadeza;
- sistematizar os seus usos e os seus efeitos comunicativos;
- reconhecer as formas corretas de tratamento e das expressões de delicadeza;
- corrigir as formas incorretas;
- utilizar a forma de tratamento e as expressões de delicadeza em situações contextualizadas.

Como forma de iniciar a abordagem das formas de tratamento e das expressões da delicadeza dentro da cortesia verbal decidi elaborar um texto com cinco diálogos curtos, que se passam a bordo de um avião (cf. anexo 4)

Nestes diálogos diferentes pessoas (idade, estatuto social) falam umas com as outras em diversas situações a bordo de um avião, utilizando as diversas formas de tratamento e a cortesia verbal. Nos primeiros quatro diálogos, a hospedeira fala com os passageiros de idades e estatutos diferentes, e no último fala com um superior, o comandante de avião. Como já disse, tentei produzir contextos conversacionais diversificados, onde os valores dos parâmetros de poder e de distância fossem diferentes.

Depois da leitura dos diálogos, os alunos tiveram que completar um quadro com as expressões dos diálogos, distinguir formas de tratamento e expressões de delicadeza. Considero que o exercício correu bem, os alunos conseguiram refletir e com ajuda de algumas instruções conseguiram escolher e identificar as formas de tratamento. Tiveram mais dificuldades em relação às expressões de cortesia, mas não podemos esquecer o facto do que estamos no nível de iniciação e praticamente ter sido a primeira vez que os alunos foram chamados a reconhecer e sistematizar essas expressões.

Na sequência da tarefa anterior, elaborei um diálogo mais longo, entre a hospedeira e um passageiro, onde ambas as personagens são descorteses. (cf. anexo 5)

A tarefa dos alunos era corrigir o diálogo, utilizando as frases indicados na caixa seguinte. Na caixa estiveram quinze partes do diálogo, os estudantes tiveram que escolher dez adequadas. Tendo em conta os cinco diálogos do texto inicial, os alunos deveriam selecionar as expressões mais adequadas para tornar o diálogo correto e cortês. Assim, os alunos deveriam ser aptos a perceber o complexo processo envolvido na utilização das expressões de cortesia de forma mais autónoma, mesmo que as frases corretas já estivessem feitas. Os alunos tiveram cerca de dez minutos para fazer o exercício, que depois foi corrigido em conjunto no quadro.

Tenho que dizer que este exercício foi difícil para a maioria dos alunos, mesmo que as frases corretas estivessem feitas e só tivessem que escolhê-las. Mas como este exercício foi corrigido em conjunto no quadro, os alunos tiveram tempo e lugar para esclarecer as suas dúvidas e refletir sobre as formas corteses, antes não conhecidas.

Nos exercícios seguintes, tentei fazer a dramatização uma série de situações de interação social diversificadas, situações mais formais que os alunos podem encontrar todos dias, desde uma conversa entre desconhecidos, até um diálogo entre o aluno e um funcionário da faculdade. (cf. anexo 6)

O exercício seguinte foi uma escolha múltipla, onde o aluno deveria escolher a opção que considerasse mais adequada. Os aprendentes deveriam selecionar a opção que considerassem mais adequada para cada alínea. Tentei contextualizar a situação, de modo a que se tornasse mais consensual a escolha adequada.

Quer perguntar as horas a uma jovem desconhecida. Escolha o modo mais adequado de se lhe dirigir.

- a) Você importa-se de me dizer que horas são?
- b) Importas-te de me dizer que horas são?
- c) Desculpe...A menina importa-se de me dizer que horas são?
- d) Importa-se de me dizer que horas são?

A maioria dos alunos escolheu o c), que também considero ser o mais adequado. Estes alunos justificaram as suas escolhas no facto de a pessoa a quem eles tiveram que se

dirigir ser “uma jovem desconhecida”. Alguns alunos mais novos optaram por o b), a utilização de formas verbais da 2ª pessoa, o que também pode ser considerado correto, visto, sendo jovens, podem utilizar o *tuteamento*, o tratamento entre iguais.

Como este exercício pôde ser considerado bem-sucedido, avancei com os exercícios seguintes, embora soubesse, que podiam ser difíceis para o nível de iniciação. O meu objetivo na atividade anterior era avaliar antecipadamente a sensibilidade dos alunos para a oralidade formal e as questões da cortesia verbal. Sabendo que estas questões ainda nunca tinham sido consciencializadas em Português e que os seus conhecimentos nesta área provavelmente são influências de outras línguas já adquiridas, nos exercícios seguintes tentei inventar contextos conversacionais diversificados entre pessoas distintas em termos de poder e de distância.

Numa dessas atividades o aluno teve que produzir um diálogo curto mas planificado. O aprendiz teve que dirigir-se a uma empregada da faculdade que conhecesse e pedir-lhe que lhe guardasse a mochila durante dez minutos. A maioria dos alunos teve muita dificuldade em realizar este exercício, o que é normal no nível de iniciação da aprendizagem, embora todos os alunos tivessem produzido um diálogo. Houve um estudante, que utilizou a expressão “olha” e o verbo na segunda pessoa do singular:

“Olha, podes guardar a minha mochila por 10 minutos?”

A maioria deles conseguiu encontrar uma forma correta. Por exemplo:

“Pode olhar pela minha mochila por 10 minutos, por favor?”

“A senhora pode guardar a mochila durante 10 minutos?”

A melhor proposta foi o diálogo de uma aluna eslovena:

“-Desculpe!

-Sim, posso ajudá-lo?

-Sim. Pode guardar a minha mochila por 10 minutos?

-Sim, claro.

-Muito obrigado, volto já. Até logo.

-Até logo.”

As respostas foram corrigidas oralmente na sala de aula, com contributos de vários alunos. Os alunos puderam não só refletir sobre as expressões mais adequadas e sistematizá-las, mas, como uma importante fase de avaliação, puderam esclarecer as suas dúvidas e confirmar os seus conhecimentos. No caso das formas de tratamento, só alguns dos alunos as utilizaram ou utilizaram a forma zero, que pode ser considerada correta.

Na correção de exercícios desta natureza é muito importante, no meu ponto de vista, que o professor seja aberto para a grande possibilidade de respostas que os alunos podem sugerir. De facto, existem várias soluções possíveis, desde que estejam de acordo com os intervenientes, os seus papéis sociais e os objetivos da interação. O professor tem que chamar a atenção dos alunos para o facto de que às vezes as variações podem ter significados diferentes e isso produz resultados comunicativos distintos.

Por limitações de tempo o exercício seguinte foi realizado como trabalho de casa e posteriormente corrigido na sala de aula. Consistia no seguinte:

“O João vai ao correio e precisa de pedir cola emprestada à funcionária. O aluno teve que escrever as palavras que o João dirige à empregada.”

O resultado foi significativamente melhor do que os exercícios anteriores. O facto de o exercício ser trabalho de casa, deu aos alunos mais tempo para pensar na resposta mais adequada.

Penso que esta unidade didática correu bem e os objetivos foram cumpridos. Embora considere que alguns exercícios tenham sido demasiado difíceis para os aprendentes deste nível, os alunos tentaram cumprir as tarefas propostas e mostraram-se bastante motivados.

5. Terceira Unidade Didática

Identificação e utilização das formas de tratamento e as expressões de cortesia na oralidade e na escrita

O tratamento *você*

A terceira (e última) unidade didática decorreu na parte final do segundo semestre com a mesma turma. Apesar de esta última unidade só ter tido uma duração de duas horas, consegui tratar outras questões importantes em relação às formas de tratamento. A terceira unidade didática, dentro da temática de televisão, teve os seguintes objetivos:

- identificação, reconhecimento das diferentes formas de tratamento;
- uso das formas de tratamento e algumas expressões corteses na oralidade;
- uso das formas de tratamento na produção escrita através de carta.

Depois de uma chuva de ideias sobre a televisão em Portugal, que serviu para introduzir a temática de aula, os alunos puderam visualizar um excerto vídeo intitulado “Momento Musical: Advérbios de Modo ”, dos Gato Fedorento (cf. anexo 7). Este excerto (sketch) é um “momento musical”, uma canção, que combinava o humor e um suporte audiovisual e apresenta muitas características e estereótipos brasileiros, tanto musicais, como socioculturais. Pensei que esta era uma boa forma de iniciar a abordagem do tema gramatical da aula, os advérbios de modo e a temática lexical, a televisão. Além do mais, não só permitiu aos alunos contactarem com um material autêntico, onde podiam detetar o uso do pronome *você* no Brasil.

Antes da visualização do excerto, pedi aos alunos que atentassem no seu conteúdo e tentassem identificar os elementos que um dos interlocutores considerava fazerem parte da boa educação. Penso que é muito importante que os alunos tenham um papel ativo nas diversas atividades realizadas na aula e, nesse sentido, considere útil atribuir uma tarefa que pudessem executar durante a visualização do vídeo.

Depois de verem o excerto, os alunos refletiram sobre as características e estereótipos brasileiras presentes no mesmo. Após uma segunda observação do vídeo, abordámos o item gramatical e o levantamento das regras da formação dos advérbios de modo. Os alunos concluíram que a sua utilização excessiva a origem do carácter cómico da canção. Sendo o vídeo é uma paródia brasileira, aproveitei o uso do pronome *você* para levantar questões sobre o uso adequado e inadequado do mesmo. Embora a maioria dos alunos já conhecesse as principais diferenças entre o uso de *você* em Portugal e no Brasil, com ajuda da ficha informativa de *O tratamento na língua portuguesa* conseguiram sistematizar os seus conhecimentos. (c.f. anexo 1)

Houve um tempo para a reflexão, onde os alunos podiam levantar as suas dúvidas, que foram esclarecidas. Acredito que o excerto foi uma boa escolha para despertar o interesse dos alunos para a complexidade do sistema das formas do tratamento e as mudanças dinâmicas de algumas formas, nomeadamente de *você*.

Em seguida, os alunos tiveram a oportunidade de praticar o uso das formas do tratamento formais e informais e algumas expressões de cortesia abordadas anteriormente, através de uma atividade de dramatização. Os estudantes foram divididos em pares e receberam cartões incluindo algumas orientações.

1. Encontras-te com teu professor de economia na faculdade e perguntas-lhe a data de entrega do teu trabalho.
2. Encontras-te com o teu colega do curso no bar de faculdade e conversam sobre o fim do ano letivo.
3. Encontras-te com o teu chefe do trabalho e pedes-lhe mais um dia de folga.
4. Vais a uma agência de viagens e reservas as tuas férias.
5. Encontras-te com o teu chefe e pedes-lhe um aumento de salário.

Tentei criar situações com contextos conversacionais diferenciados, entre interlocutores com diferentes valores do poder e da distância social. Assim, os alunos teriam de escolher as formas de tratamento e as expressões corteses mais adequadas a cada situação e também utilizar um registo linguístico certo. Depois de alguns minutos de preparação, os pares terem encenaram o seu diálogo diante da turma. Também deixei tempo para a avaliação de cada diálogo, e pedi aos alunos que comentassem as suas

intervenções e as dos seus colegas. Eu própria me envolvi no debate sobre as formas, estruturas e registos utilizados e a sua adequação.

Em geral, os alunos conseguiram produzir discursos corretos e adequados, esperados neste nível. Esta atividade também deu oportunidade à turma para observar diferentes situações de interação e as diferentes formas e expressões utilizadas em cada uma. Penso que o exercício correu muito bem e os estudantes foram capazes de criar diálogos adequados ao contexto criado.

Como já vimos, a fase de produção é muito importante, porque permite estimular todos os conhecimentos linguísticos, pragmáticos e sociolinguísticos e não só. Se a seguir à prática vier uma etapa de reflexão e avaliação, ela ajudará ainda mais a atingir um maior domínio linguístico. Estas atividades de produção oral contextualizada são uma forma excelente de reforçar o desenvolvimento das capacidades comunicativas e pragmáticas dos alunos de PLE. Ao mesmo tempo, elas ajudam os alunos a ganhar mais confiança para lidar com situações semelhantes na realidade. Este tipo das atividades tem um papel muito importante na perspetiva comunicativa do ensino-aprendizagem de PLE, permitindo aos aprendentes praticarem as suas competências num contexto seguro.

Outro objetivo desta unidade, foi alargar o conhecimento dos alunos sobre as formas de tratamento, as fórmulas da saudação e de despedida, e algumas expressões de delicadeza na produção escrita. Considerei que era muito importante que o aluno no fim do nível de A1.2 conhecesse essas diferentes fórmulas na produção escrita. Como no primeiro semestre na primeira unidade com a outra turma já introduzi este conteúdo e foi bem-sucedido, optei por não mudar o processo.

Assim, através do exemplo de uma carta informal e outra carta formal (cf. anexo 8), os alunos podiam observar e refletir as diferentes formas de tratamento, as fórmulas formais de saudação e da despedida e algumas expressões corteses. Após a leitura das cartas e a análise do conteúdo geral dos textos, os alunos fizeram o levantamento de forma do tratamento formal (“Exmo. Senhor”, “V.Exa.”) e informal (“Querida Joana”), as expressões corteses (“Tendo conhecimento”, “Com os meus respeitosos cumprimentos”) presentes no texto e esclareceram as suas dúvidas em relação a elas. A

seguir observaram, através da ficha informativa sobre a carta formal e informal, a estrutura e as diversas formas das diferentes componentes de carta (cf. anexo 3).

Para sistematizarem os novos conhecimentos, mas com a ajuda das fichas informativas, pedi os alunos que respondessem às duas cartas na sala de aula. A redação de duas cartas permitiu não só a sistematização das informações novas, mas também contribuiu para o desenvolvimento da competência de escrita dos estudantes. A maioria deles foi a primeira vez que experimentou produzir um texto formal. Assim, também puderam sistematizar algumas das expressões fixas utilizadas para iniciar e terminar um texto desta natureza, bem como outras características formais associadas. Este foi o objetivo primordial desta atividade.

As cartas foram corrigidas na sala de aula, no âmbito de etapa de reflexão e avaliação. Sendo uma turma com poucos alunos, todos tiveram oportunidade de ler as suas cartas, e de ouvir os comentários sobre elas. Os textos criados foram relativamente bons e tentaram utilizar as novas formas e fórmulas.

Na parte final da aula os estudantes puderam expor dúvidas em relação ao conteúdo que foi abordado, ao sentido de algumas frases, bem como à natureza das relações sociais presentes em alguns dos contextos e as suas consequências em termos de utilização das formas do tratamento adequadas.

Como trabalho de casa pedi os alunos que me escrevessem um correio eletrónico, onde podiam expor qualquer dúvida sobre o uso da língua portuguesa ou perguntar algo sobre o teste final que iam realizar no final de semestre. Embora nem todos os alunos me tenham enviado esse mail, aqueles que o fizeram, escrevessem textos bons. Mandei-lhes a correção e respondi-lhes utilizando as formas e fórmulas tratadas nas aulas.

Em termos gerais, penso que esta última unidade didática cumpriu os seus objetivos e conseguiu contribuir, ainda que de forma limitada, para desenvolver as competências pragmáticas dos alunos, bem como as suas capacidades de utilização adequada das formas do tratamento e as expressões de cortesia.

Conclusões

Atualmente, na era da globalização, podemos afirmar que uma das mudanças mais radicais que se operou fruto desse mesmo fenómeno foi na área de comunicação. Como já mencionei no início deste trabalho, a necessidade de interação frequente entre povos, fez-me deter na importância do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Não só o ensino duma língua nova, mas a necessidade de aperfeiçoar cada vez mais as já adquiridas. Hoje em dia é perfeitamente normal que alguém fale três ou mais línguas quase como língua materna.

No meu caso, a língua portuguesa foi a quinta língua, a quarta língua estrangeira, mas a primeira língua segunda. Além da minha língua materna, o Húngaro, tive duas experiências falhadas na aprendizagem das línguas estrangeiras - o Russo e o Francês - e duas bem-sucedidas, o caso de Inglês e do Português. A aquisição do Português possibilitou-me ter bons resultados na aprendizagem do Francês. O facto de não ter o Português como língua materna, implicou desvantagens, mas também algumas vantagens na elaboração do presente trabalho. Uma delas, sem dúvida, foi a realidade bifacetada: poder ser aluna e professora do mesmo curso, sendo que fui aluna do curso anual de PLE do FLUP no nível C durante do último ano da minha licenciatura. Posso assim afirmar que a minha experiência pessoal me ajudou muito e me sensibilizou para a importância do ensino-aprendizagem dos aspetos socioculturais.

A escolha do tema deste trabalho deveu-se ao facto de ser uma área que me interessa particularmente. Já no primeiro ano do mestrado elaborei um trabalho no âmbito da disciplina *Variação e Mudança* sobre as formas de tratamento em Português. Sendo estrangeira, tinha especialmente dificuldade Neste item de aprendizagem da língua portuguesa, por isso senti a necessidade de elaborar o meu relatório sobre ele. Além disso, considero ser um item muito importante, já que as formas de tratamento são peças fundamentais na regulação da relação interpessoal, embora no âmbito do PLE/PL2 se revele um tema pouco explorado.

A importância do desenvolvimento das competências comunicativa e pragmática dos aprendentes de qualquer língua estrangeira é fundamental para uma mais eficaz e adequada comunicação na língua-alvo. Justifica-se a abordagem dos

aspectos pragmáticos, sociolinguísticos e discursivos, como absolutamente necessária nas aulas de (P)LE, já que é através destes elementos que os alunos poderão adquirir essas desejadas competências.

Dentro destes aspectos pragmáticos, as formas de tratamento são relatadas, como um item a merecer particular atenção quanto ao seu ensino nas aulas de PLE, dada a complexidade de que a sua aprendizagem se envolve. Mesmo assim, há muito pouco material didático que se debruce sobre esta temática. Ainda que não seja fácil trabalhar estas questões na aula de LE, é muito fundamental a criação dos exercícios e situações pelo professor de PLE. Estes não só ajudam a sistematizar e praticar as diferentes formas de tratamento, mas, ao mesmo tempo, estimulam a competência comunicativa e pragmática. No meu ponto de vista, o professor deve estar, antes de mais, preparado em termos teóricos e didáticos, já que um bom suporte teórico poderá facilitar a planificação destas atividades. Foi esta a razão pela qual optei por incluir uma grande parte de abordagem teórica no meu relatório.

O objetivo deste relatório é relatar a minha **investigação** teórica sobre o sistema das formas de tratamento em Português, mais precisamente em Português europeu, e partindo dos resultados da **ação**, refletir sobre toda esta problemática.

O estudo de caso mostrado envolveu duas turmas, ambas de nível A1.2. Obviamente nos níveis mais avançadas este item devia ser tratado de forma muito mais detalhada. Creio que a competência comunicativa e pragmática deverão ser trabalhadas desde o início da aprendizagem, e depois, de modo contínuo, ao longo dos vários níveis, em espiral. Só assim os alunos poderão atingir o domínio destas competências e através delas conseguirão comunicar de forma adequada e produtiva.

Uma vez que as formas de tratamento são peças fundamentais na regulação das relações interpessoais, o seu estudo é muito importante logo no início de aprendizagem de PLE e não deve ser adiado apenas para os níveis avançados.

A execução deste estudo permitiu-me aprofundar os meus conhecimentos sobre as formas de tratamento, as quais, a meu ver, têm um papel importante no ensino-aprendizagem de PLE. Também me auxiliou a aprofundar o meu conhecimento sobre o seu uso adequado, o que foi um dos meus objetivos principais no início quando escolhi esta temática.

Abordagem das Formas de Tratamento nas Aulas de PLE/PL2

Espero que esse estudo seja um contributo, e que, após a necessária adaptação a diferentes contextos, possa ser proveitoso para professores de (P)LE, independentemente do nível de ensino.

Referências Bibliográficas

ALI, M.S. (1971), *Gramática histórica da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Melhoramentos

ÁVILA DE LIMA, J. & PACHECO J.A. (2006), *Fazer Investigação, Contributos para a elaboração de dissertações e teses*, Porto, Porto Editora

BACHMAN L.F. & PALMER D. (1996), *Language testing in practice: designing and developing useful language tests*, Oxford, Oxford University Press

BROWN, R. & GILMAN A. (1960), “The pronouns of power and solidarity”, In Sebeok, T. A. (ed.) *Style in Language*, Cambridge, Cambridge University Press

BROWN, P. & LEVINSON, S. C., (1987), *Politeness – Some Universals in Language Usage*, Cambridge, Cambridge University Press

CARREIRA, M. H., (1995), *Modalisation Linguistique en Situation d’Interlocution. Proxémique verbale et modalités en portugais* (Thèse de Doctorat d’État en Linguistique), Paris, Université de Paris IV- Sorbonne

CARREIRA, M. H. (2004), *Les formes d’allocation du portugais européen : valeurs et fonctionnements discursifs. Franco-British Studies*, 35-45 (também no sítio do Instituto Cervantes de Paris, consultado em 02 /06/2011 http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_araujo.pdf)

CINTRA, L. F. L. (1986), *Sobre «formas de tratamento» na língua portuguesa*, 2ª edição, Lisboa, Livros Horizonte.

CONSELHO DA EUROPA, (2001), *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação*, Porto, Edições Asa

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.

DUARTE, I. M. (2010), Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna (*Gramática: história, teorias, aplicações*) Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras

GIDDENS, A. (1989), *Sociology*, Cambridge, Polity

GOFFMAN, E. (1982), *Interaction Ritual: Essays on face-to-face behavior*, New York, Pantheon Books.

GOUVEIA, C. (1996), Pragmática (Introdução à *Linguística Geral e Portuguesa*) Lisboa, Editorial Caminho, 383-419.

GOUVEIA, C. (2008), As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em Português Europeu. em Duarte, I.M. & Oliveira, F. (ed.) *O fascínio da Linguagem*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 91-100

HAMMERMÜLLER, G. (1993), *Die Anrede im Portugiesischen. Eine soziolinguistische Untersuchung zu Anderkonventionen und Portugiesischen*, Chemnitz, Nov Never Verlag

KASPER, G., (2001), "Classroom research on interlanguage pragmatics" in ROSE, K., KASPER, G., (ed.), *Pragmatics in Language Teaching*, Cambridge, Cambridge University Press

KOIKE, D. A. (1993), "Language and Social Relationship in Brazilian Portuguese: the Pragmatics of Politeness", Austin, Texas, University of Texas

LEECH, G.N. (1983), *Principles of Pragmatics*, London /New York, Longman.

MARQUES, M.E.R. (1988), *Complementação verbal. Estudo sociolinguístico* (Tese de doutoramento), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

MARQUES, M.E.R. (1995), *Sociolinguística*, Lisboa, Universidade Aberta

MEDEIROS S.M. de OLIVEIRA (1985), *A Model of Address Form Negotiation: a Sociolinguistic Study of Continental Portuguese* (Dissertation), Austin, Texas, University of Texas

RODRIGUES, D.F. (2003), *Cortesia Linguística*, (Tese de doutoramento), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

SCHMIDT, R. (1990), *Consciousness, Learning and Interlanguage, Pragmatics*,

retirado da World Wide Web em 22/05/2011:, Washington, TESOL,

<http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED326055.pdf>;SCHMIDT,1993

WOLFSON, N. (1989), *Perspectives: Sociolinguistics and TESOL*, Washington, Newbury House

YULE, G. (1996), *The Study of Language*, Cambridge, Cambridge University Press

Sitografia

APRESENTAÇÃO DA FLUP

https://sigarra.up.pt/flup/web_base.gera_pagina?P_pagina=1182 Retirado da sigarra de FLUP em 22/05/2011

HISTORIAL DA FLUP

https://sigarra.up.pt/flup/web_base.gera_pagina?p_pagina=1183 Retirado da sigarra de FLUP em 22/05/2011

ORGANIGRAMA DA FLUP

FONTES: Estatutos da FLUP (DR, 2ª série, nº226, 20 de novembro de 2009)

Regulamento Orgânico da FLUP (DR, 2ª série, nº120, 25 de junho de 2007)

ANEXOS

O tratamento na língua portuguesa

Pronomes de tratamento

Singular: **Tu** (Tu) vens? - (verbo singular, 2ª pessoa)

Você (Você) vem? (verbo singular, 3ª pessoa)

Plural: **Vós** (Vós) vindes?-(verbo plural,2ª pessoa)

Vocês (Vocês) vem?

Há outras formas de tratamento que não são pronomes mas funcionam como tal: Vossa Excelência, Vossa Excelência Reverendíssima, Vossa Majestade etc.

Formas nominais: **O Senhor, A Senhora, O Senhor Doutor, A Senhor Doutora, O Senhor Engenheiro, O Senhor Arquiteto, O Senhor Professor, O Senhor Diretor, O Senhor Reitor, O António, A Maria** etc.

Formas verbais:(só o verbo, sem sujeito)

Singular: 2ª pessoa verbal "Queres ir passear?"

3ª pessoa verbal" Quer ir passear?"

Plural: 2ª pessoa verbal" Quereis ir passear?"

3ª pessoa verbal" Querem ir passear?"

O "tu" é uma forma de tratamento usual entre "iguais", reserva-se para relações de intimidade espontânea. Não é aceitável em situações comunicativas formais ou cujos interlocutores não tenham uma relação próxima. Muitas vezes proferimos apenas o nome próprio ou diminutivo deste ou a " alcunha", Para tratar familiares usamos muitas vezes o tratamento pelo grau de parentesco: Filho, Filhinho, Filhote, Mãe, Pai, etc.

A segunda pessoa plural," **vós**", é usada apenas em certas zonas de Portugal, como no Norte por exemplo. "Vós" pode ser substituído por "**vocês**".

Hoje em dia é a terceira pessoa do singular que é utilizada em quase todas as relações sociais: desde "**você**" a "**Vossa Excelência**".

"Então, (você) tem passado bem?" ou "Vossa Excelência sabe a verdade."

Mas o uso mais formal implica o uso de forma nula do pronome na posição de sujeito.

"Então, tem passado bem?"

É correto usar a terceira pessoa do singular se não conhecemos a pessoa com quem falamos. Mas, depois do conhecimento feito, o nome e/ou o título-, já precisa(m) de ser utilizado(s).

8 de dezembro de 2010.

Prezado Matosinhense,

A Câmara Municipal de Matosinhos está apostada em fazer do Natal uma época de verdadeira solidariedade.

Assim, venho solicitar-lhe que, dentro das suas possibilidades, colabore connosco, participando, de modo ativo, numa das seguintes atividades promovidas pelo nosso Serviço de Animação Cultural e Solidariedade Social e realizadas todas elas no Salão Nobre da CMM, das 9h às 20h:

- Dia 18 de dezembro – Recolha de alimentos destinados a oferta a famílias carenciadas do Concelho;
- Dia 19 de dezembro – Recolha de vestuário e calçado;
- Dia 20 de dezembro – Recolha de brinquedos, livros e CD's/ DVD's;
- Dia 21 de dezembro – Participação no espetáculo musical: "O Natal em canções";
- Dia 22 de dezembro – Cortejo de Pais e Mães Natal pelas ruas do Concelho;
- Dia 23 de dezembro – Mega – Consoada de Natal.

A sua ajuda é preciosa! Ofereça o seu tempo, os seus bens, os seus serviços e o seu sorriso e todos passaremos um Natal mais solidário!

Agradeço antecipadamente a sua presença e desejo-lhe um FELIZ NATAL!

O Presidente da CMM

A CARTA

ANEXO 3.

Permite comunicar com alguém que se encontra ausente: mandar cumprimentos; dar notícias; fazer pedidos; reclamar; apresentar-se. Por isso, é necessário adequar os diferentes registos de língua em função das situações e dos interlocutores: registo corrente, registo familiar; registo cuidado.

Carta Formal: carta oficial; carta comercial; carta resposta a um pedido de emprego.

Carta Informal: familiar (a um amigo ou familiar); de amor.

Estrutura da carta

- ◆ Cabeçalho;
- ◆ Fórmulas de saudação;
- ◆ Corpo da carta;
- ◆ Fecho;
- ◆ Fórmulas de despedida;
- ◆ *Post-scriptum*(facultativo)
- ◆ Local e Data da escrita

Saudação inicial varia consoante a relação com o destinatário:

A um amigo	A um familiar	A um desconhecido	A uma pessoa cuja título académico ou funcional se conhece	A um representante de entidade coletiva
Nome próprio António Caro + nome próprio Caro António Amigo+ nome próprio Amigo António (...)	Querido pai Querida mãe Caros tios (...)	Exmo. Senhor Exma. Senhora	Exmo. Senhor + título (Exmo. Sr. Procurador da República)	Exmos. (Excelentíssimos) ou Ilmos. (Ilustríssimos) Senhores Exmas. ou Ilmas. Senhoras

Corpo da Carta

- INTRODUÇÃO: saudar ou apresentar brevemente o objetivo da carta;
- DESENVOLVIMENTO: tratar com algum pormenor o assunto principal, introduzir outros assuntos e apresentar argumentos, se necessário;
- CONCLUSÃO: encerrar o assunto e fazer a despedida

Fórmulas finais de despedida

A um amigo/ A um familiar	A um desconhecido	A uma pessoa social ou profissionalmente acima	A um representante de entidade coletiva
Um abraço Abraços e beijos Saudades Beijinhos Um beijo Chau	Com os meus/nossos melhores cumprimentos,	Apresento a V. Exa. os meus respeitosos cumprimentos Com estima e consideração,	Com os mais respeitosos cumprimentos

ANEXO 4.

1. Leia os seguintes diálogos que se passam a bordo de um avião, com destino à Madeira.

1.Hospedeira: Senhores passageiros, sejam bem-vindos a bordo! Em nome de TAP e de toda a tripulação desejo-vos uma agradável viagem!

Passageiro 1: Minha senhora, por gentileza, sabe quanto tempo irá demorar o voo para a Madeira?

Hospedeira: Claro, meu caro senhor, demora cerca de uma hora e meia.

2.Passageiro 2: Desculpe! Gostava de pedir uma informação. Sabe-me dizer se a minha bagagem está a bordo?

Hospedeira: O senhor doutor não se preocupe, temos tudo controlado. Todas as bagagens estão no porão do avião.

3.Miguel: Peço desculpa ... Esta é a minha primeira viagem de avião e estou com medo.

Hospedeira: Tenha calma. Respire fundo e tente desfrutar ao máximo desta magnífica viagem. Se precisar de alguma coisa, não hesite em chamar-me!

4.Menina de 4 anos: Estou com muita sede! Podes- me dar um copo de água, por favor?

Hospedeira: Claro, minha flor! Trago já!

5.Hospedeira: Senhor Comandante, todos os passageiros estão a bordo. Deseja mais alguma coisa?

Comandante: Nada mais, Teresa. Obrigado pela informação.

2.Complete o quadro seguinte com expressões do texto lido.

FORMAS DE TRATAMENTO	EXPRESSÕES DE DELICADEZA

3. Leia o diálogo seguinte que se passa a bordo de um avião. Alguma coisa não está bem... Corrija o diálogo, utilizando as frases da caixa para torná-lo mais adequado. (Pode servir-se da folha seguinte)

Passageiro: Hei!

Hospedeira: O que queres?

Passageiro: Tenho sede, arranja-me uma coca-cola!

Hospedeira: Ai sim? Espera aqui!

Passageiro: Não te demores!

Hospedeira: Olha! Não há coca-cola! Aqui tens uma pepsi!

Passageiro: Mas eu quero coca-cola!

Hospedeira: Temos pena. É tudo o que temos. Queres ou não?

Passageiro: Esquece! Nunca mais vou voar com esta companhia!

Hospedeira: Ótimo! Não voltes mais!

<p>-Com certeza. O que gostaria de beber?</p> <p>-Peço desculpa, Mas só temos pepsi. Pode ser?</p> <p>-Senhora Hospedeira, você podia-me dar alguma coisa para beber?</p> <p>-Com certeza. Trago já!</p> <p>-Obrigada pela sua compreensão. Boa viagem. Se precisar de mais alguma coisa não hesite em chamar-me.</p> <p>-Ok, para já.</p> <p>-Desculpe!</p> <p>-Você importa-se de me dar uma coca-cola?</p>	<p>-Sim, por favor. Podia trazer me alguma coisa para beber?</p> <p>-Uma coca-cola por favor!</p> <p>-Obrigado.</p> <p>-Excelentíssimo Senhor Passageiro, lamento informá-lo que não temos coca-cola.</p> <p>-Sim Senhor. Posso ajuda-lo?</p> <p>-Não faz mal, tudo bem. Obrigado.</p> <p>- Senhora Teresa, traga-me outra coisa qualquer.</p>
---	--

1. Na rua quer perguntar as horas a uma jovem desconhecida. Escolha o modo mais adequado de se lhe dirigir.

- a) Você importa-se de me dizer que horas são?
- b) Importas-te de me dizer que horas são?
- c) Desculpe...A menina importa-se de me dizer que horas são?
- d) Importa-se de me dizer que horas são?

2. Justifique a resposta que deu em anteriormente.

3. Dirija-se a uma empregada da faculdade que conheça e peça-lhe que lhe guarde a mochila durante 10 minutos.

4. O João vai ao correio e precisa de pedir cola emprestada à funcionária. Escreva as palavras que o João dirige à empregada.

“Momento Musical: Advérbios de Modo ”, dos Gato Fedorento

Rufino Clemente: Advérbios de Modo não combinam com amor, mas eu gosto extremamente de você

Refrém: Advérbios de Modo não combinam com amor, mas eu gosto extremamente de você

Você é jovem e moderadamente bela

Mas não gosta que eu corteje você como uma donzela.

O problema é meu jeito de falar

Principalmente a tendência que eu tenho para adverbialar.

Refrém

Eu falo assim é um tique de linguagem.

Você me trata como um cafajeste mas isso é bobagem.

Qual é o mal de falar precisamente

Com modificadores verbais persistentemente?

Refrém

Você me trocou e como alternativa

Escolheu um cara que estupidamente somente adjetiva.

E me deixou designadamente

Nomeada, exata e mormente, completamente.

Cruelmente, parvamente

Efetivamente gosto de aparências

Contrariamente ao que dizem Nunca botei aos pés no Finalmente.

Refrém

A

ANEXO 8.

De: Maria das Flores
Rua do Vaso, n.º2
Floreira
8000-200 Florelândia

Para:
Joana das Silvas
Rua da Mata, Lt 2 r/c
Matagal
2000-800 Bosquelândia

Marrazes, 02 de novembro 2010

Querida Joana,

Depois de tão grande ausência de notícias, decidi escrever-te para te falar de mim e para te dizer que aguardo novidades tuas. Cheguei ontem de férias, que, este ano, foram bastante variadas: quinze dias no Algarve, um mês no campo e uma semana, em Londres.

E tu, como passaste as tuas férias? Estou ansiosa por saber por onde andas. O que fazes nestes dias de férias? A tua família continua fixe? Já sabes quando começam as aulas na tua escola?

Por aqui me fico, esperando que, em breve, cheguem várias notícias tuas. Saudação aos teus pais e irmãs e um grande abraço para o teu irmão. Beijinhos para ti.

Ana

B.

António Oliveira
R. De S. Francisco, 101, R/C
5742 VILA MAIOR

VILA MAIOR, 05/01/08

Ao Senhor Diretor
do Departamento de Pessoal
do Ministério da Justiça
Rua da Prata
1000 Lisboa

Exmo. Senhor,

Tendo conhecimento de que os Serviços que V. Exa. dirige abriram inscrições para o lugar de monitores de Informática, venho candidatar-me, apresentando, em separado, o meu *curriculum vitae*.

Com os meus respeitosos cumprimentos.

António Oliveira